



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Ciber-abuso nos relacionamentos afetivo-amorosos,
vinculação e Perturbação de Stress Pós-Traumático em
adolescentes e adultos

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Daniela da Silva Araújo

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

DEZEMBRO 2022



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Ciber-abuso nos relacionamentos afetivo - amorosos,
Vinculação e Perturbação de Stress Pós-Traumático em
Adolescentes e Adultos

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Daniela da Silva Araújo

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Berta Maria
Marinho Rodrigues Maia**

Agradecimentos

“Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. *Antoine de Saint-Exupéry*

Quase a terminar este percurso académico não posso deixar de notar todas as pessoas que por ele passaram. Com todas aprendi e todas contribuíram de alguma forma neste percurso. Colegas, amigos, professores e auxiliares. Todos levarei comigo até que a memória o permita.

Àqueles a quem devo tudo e que a palavra “obrigada” é mínima, os meus pais, que viveram todos os altos e baixos deste percurso académico comigo, vivenciaram todas as tristezas e alegrias, mas que acima de tudo, lutaram e soaram para que eu pudesse concretizar este nosso sonho. Esta conquista será inteiramente dedicada a eles, que acima de tudo, acreditaram em mim e nunca perderam a esperança.

Em segundo lugar, o meu profundo agradecimento à Professora Berta Maia, pelo seu trabalho exímio, pela sua orientação, ensinamentos e atenção. Desde a primeira unidade curricular que a levo como uma enorme inspiração e até ao dia de hoje assim o continua. Além disso, fico grata pela contribuição que o seu ensino e profissionalismo teve em mim. Levarei para o meu futuro a sua imagem como um exemplo a seguir como futura profissional.

Por último e não menos importante agradeço ao meu namorado, por me olhar sempre com muito orgulho e confiança, muitas das vezes, ou maior parte das vezes quando eu mesma não a tinha. Por acreditar sempre que seria capaz e por nunca ter deixado de me apoiar na concretização deste percurso académico.

Índice

Resumo	I
Abstract.....	II
Introdução	0
Enquadramento teórico	1
Ciber-abuso nos relacionamentos amorosos.....	1
Fatores de proteção e Fatores de risco do Ciber-abuso.....	5
Modelos teóricos do ciber-abuso	6
Relação entre a Vinculação e o ciber-abuso	8
Consequências negativas do ciber-abuso.....	10
Relação entre a Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) e o ciber-abuso	11
Relação entre Ciber-abuso, Vinculação e Perturbação de Stress Pós-Traumático	13
Metodologia	15
Desenho do Estudo	15
Objetivos do estudo.....	15
Objetivos específicos	15
Hipóteses do estudo	15
Medidas e Instrumentos de avaliação	18
Procedimentos.....	21
Análise estatística.....	22
Descrição da Amostra.....	24
Resultados	25
Análise Estatística Descritiva	25
Referências Bibliográficas	40

Resumo

O ciber-abuso diz respeito ao abuso cibernético entre parceiros em relacionamentos, com caráter afetivo, amoroso ou sexual (Hinduja & Patchin, 2011), com recurso a meios tecnológicos (Zweig et al., 2013). Embora seja um fenómeno recente, as implicações negativas são notórias. A pertinência deste estudo deve-se ao aumento dos casos de ciber-abuso, a nível de perpetração e de vitimização, pondo em risco a integridade da vítima. Dado o número escasso de estudos que explorem a relação entre o ciber-abuso, vinculação e Perturbação de Stress Pós-traumático (PTSD), o presente estudo tem como objetivo central explorar o papel preditivo da vinculação e das variáveis sociodemográficas no ciber-abuso e o papel preditivo do ciber-abuso na Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSTD). A amostra é constituída por 195 indivíduos, entre os 18 e os 47 anos, de ambos os sexos e os instrumentos utilizados são o questionário sociodemográfico e as versões adaptadas para a população portuguesa das escalas: *Questionário sobre Ciber Abuso no Namoro – CAN*; *Versão Portuguesa da Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM- 5 (PCL-5)* e *Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais (ERP-ER)*.

Palavras-chave: Ciber-abuso, Vinculação, Perturbação de Stress Pós-Traumático, Abuso digital nos relacionamentos amorosos

Abstract

Cyber-abuse concerns cyber abuse between partners in relationships, with an affective, loving or sexual character (Hinduja & Patchin, 2011), using technological means (Zweig et al., 2013). Although it is a recent phenomenon, the negative implications are notorious. The relevance of this study is due to the increase in cases of cyber-abuse, in terms of perpetration and victimization, endangering the integrity of the victim. Given the limited number of studies exploring the relationship between cyber-abuse, linkage and Posttraumatic Stress Disorder (PTSD), the present study aims to explore the predictive role of linkage and sociodemographic variables in cyber-abuse and the predictive role of cyber-abuse in PostTraumatic Stress Disorder (PSTD). The sample consists of 195 individuals, between 18 and 47 years old, of both sexes and the instruments used are the sociodemographic questionnaire and the versions adapted to the Portuguese population of the scales: Questionnaire on Cyber Abuse in Dating - CAN; Portuguese version of the Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5 (PCL-5) and Experiences in Close Relationships - Relational Structures (ERP-ER).

Keywords: Cyber-abuse, Attachment, Post-Traumatic Stress Disorder, PTSD, Digital abuse in romantic relationships

Introdução

Com o crescimento exponencial das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's) e com o surgimento de aplicações de comunicação e relacionamentos, a adesão a estas entre parceiros íntimos tem vindo a denotar um crescimento exponencial, tornando-se intrínseco em todas as dinâmicas do dia-a-dia do ser humano, devido à sua facilidade e flexibilidade de comunicação e sensação de maior proximidade (Burke et al., 2011). Na obstante, a utilização de novas tecnologias nos relacionamentos acarreta consequências, nomeadamente o ciber-abuso. O ciber-abuso nos relacionamentos diz respeito a comportamentos de abuso, ameaça e/ou assédio, em relacionamentos atuais ou passados, com carácter afetivo, amoroso ou sexual (Hinduja & Patchin, 2011), com recurso a meios tecnológicos em ambientes virtuais (Zweig et al., 2013).

Com o apoio da ciber-psicologia e com os estudos nesta problemática, tem-se vindo a notar que o modo como o indivíduo adere ao ciber-abuso está correlacionado com os estilos de vinculação que possui, sendo que, indivíduos com estilos de vinculação inseguros, apresentam maiores níveis de perpetração e vitimização (Blackwell et al., 2017; Demircioğlu & Göncü Köse, 2018). Tal como no ciber-abuso, a Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) está significativamente correlacionada com estilos de vinculação inseguros (Declercq & Willemsen, 2006; O'Connor & Elklit, 2008; Shaver & Fraley, 2000) e tem sido identificada como consequência do ciber-abuso, devido a este se tratar de uma experiência traumática, no entanto, são escassos os estudos que estudem a relação entre ciber-abuso e Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD). Deste modo, consideramos pertinente analisar a relação entre o ciber-abuso, a vinculação e a Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD). Neste sentido, o objetivo deste estudo é explorar o papel preditivo da vinculação e das variáveis sociodemográficas no ciber-abuso e o papel preditivo do ciber-abuso na PTSD.

O presente estudo divide-se em duas partes, sendo a primeira destinada ao enquadramento teórico, abordando o ciber-abuso nos relacionamentos amorosos, a vinculação e a PTSD com o objetivo de criar uma base sólida para a investigação. Já a segunda parte, é dedicada ao estudo empírico onde são apresentados todos os procedimentos metodológicos que foram seguidos ao longo da investigação.

Enquadramento teórico

Ciber-abuso nos relacionamentos amorosos

Os relacionamentos amorosos na era digital tendem a evoluir e a desenvolver-se a par do desenvolvimento e popularização de aplicações como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, assim como de aplicações/sites de relacionamentos, como o *Tinder* e *Badoo*, que proporcionam ao indivíduo a possibilidade de conhecer alguém com as características e interesses desejados. Desde relacionamentos casuais, a namoro, estes meios, permitem encontrar todo o tipo de oportunidades, até mesmo extraconjugais (Nunan & Penido, 2019).

Relativamente ao uso de tecnologias nos relacionamentos amorosos, determinados parceiros íntimos optam por uma abordagem mais radical e unificada, criando perfis conjuntos e partilhando palavras-passe entre si com o objetivo de promover uma relação aberta e de confiança, no entanto, esta atitude não é bem aceite por outros casais que prezem a sua privacidade individual (Freire et al., 2010). Quando se inicia um relacionamento, é considerada comum a atualização do estado civil nas redes sociais devido à necessidade de partilhar a informação com a sua rede social. Essa necessidade de partilha surge por diversos motivos, tais como o aumento da autoestima do casal ou anúncio da exclusividade entre este (Franklin & Canezin, 2016). Os relacionamentos nas redes sociais ocorrem cada vez com mais frequência segundo “regras” generalizadas que incluem a necessidade de gostar e comentar fotos um do outro, partilhar momentos e fotos do casal, entre outros, sendo que a não conformidade com estas pode ser motivo para discussões. O controlo que por vezes se verifica entre casais tende a evoluir para o controlo *online*, que é interpretado como socialmente aceite, uma vez que as informações estão disponíveis ao público, o que faz com que indivíduos tipicamente mais ciumentos se tornem perpetradores de ciber-abuso (Nunan e Penido, 2019). As redes sociais tem tido um impacto significativo nos relacionamentos amorosos, sobretudo no “ciúme”, que surge frequentemente como tentativa de controlo da relação e do parceiro com o intuito de manter a segurança da relação, ainda que ilusória (Franklin & Canezin, 2016).

O termo ciber-abuso concerne ao fenómeno “*Cyber Dating Abuse*” (CDA), e pode

definir-se por outros termos tais como: *Digital Dating Abuse*, *Electronic Dating*, *Electronic Dating Aggression*, *Cyber Violence in Dating*, *Electronic Aggression* (Bennett et al., 2011), *Electronic Dating Violence* (Hinduja & Patchin, 2011), *Intimate*

Partner Cyber Aggression (Marganski & Melander, 2018; Schnurr et al., 2013) ou, ainda, *Intimate Partner Cyber Harassment* (Melander, 2010) sendo que alguns destes remetem para domínios mais amplos ou restritos sobre a problemática (Brown & Hegarty, 2018). Esta problemática tem vindo a ser acompanhado pela ciber-psicologia que parte da psicologia social e da teoria evolucionista, com o objetivo de estudar o comportamento *online*, como o comportamento de ciber-abuso (Piazza & Bering, 2009). O ciber-abuso nos relacionamentos amorosos diz respeito ao abuso em relacionamentos atuais ou passados, com carácter afetivo, amoroso ou sexual (Hinduja & Patchin, 2011). Trata-se de um constructo multidimensional e remete para comportamentos de abuso, ameaça ou assédio, realizados com recurso a meios tecnológicos em ambientes virtuais, como redes sociais, sites, correio eletrónico e mensagens de texto (Zweig et al., 2013). Estes comportamentos tanto podem ser abusivos a nível psicológico como sexual, sendo que, quando remetem para um abuso psicológico, o comportamento mais frequente é o de microrregulação dos comportamentos quotidianos do parceiro, verificando-se isolamento forçado, vigilância das redes sociais, das palavras-chave e dos históricos de pesquisa, intimidação e humilhação (Burke et al., 2011), propagação de rumores, envio de mensagens e publicações de carácter ofensivo, abusivo (Bennett et al., 2011), violento e humilhante (Gámez-Guadix et al., 2018), envio de mensagens ameaçadoras, ameaças públicas e monitorização através de aplicações de localização de GPS. Quando estes comportamentos se tornam persistentes e invasivos, originando numa perseguição digital sistemática, denominam-se por *cyberstalking* (Henry & Powell, 2018; Woodlock, 2017). Quando os comportamentos de ciber-abuso incluem cariz sexual, os mais prevalentes são o *sexting* e o *reveng porn*. O *sexting* diz respeito à execução de pressão para que o/a parceiro/a envie e receba conteúdo sexualmente explícito (Frankel et al., 2018; Dick et al., 2014; Zweig et al., 2013) através de meios eletrónicos (Lenhart et al., 2010). A problemática deste comportamento aumenta com o facto de que o conteúdo sexualmente explícito se pode tornar público, proliferar numa velocidade assustadora, devido aos reencaminhamentos, levando a que a vítima esteja exposta durante anos (Choi et al., 2016; Jiménez et al., 2016). Já o conceito *revenge porn* refere-se à “pornografia de vingança”, pontuada pelo desejo de vingança e humilhação (Bernardo & Prado, 2021), onde há gravação das relações sexuais sem consentimento e posterior publicação não consensual (Douglas et al., 2019; Henry & Powell, 2018). Comportamentos como o *stalking*, o *sexting* e o *revenge porn*, têm sido identificados como potenciais fatores de risco devido à grande tendência de culminarem em

perseguição e violência física, incluindo abuso sexual e, em última instância, em assassinato, o que leva a concluir que o ciber-abuso está positivamente associado a outras tipologias de violência e abuso, como a violência doméstica e a violência no namoro (Bennett et al., 2011; Zweig et al., 2013) que envolvem o uso intencional de força física, controlo de relações sociais, isolamento social, ameaças, insultos, chantagem emocional e coação.

Na adolescência dão-se os primeiros passos para a construção de uma identidade pessoal, social e sexual, sendo nesta fase que o indivíduo inicia a sua “exploração sexual” através da eleição e proximidade com potenciais pares românticos, através da procura de informação de cariz sexual (Subrahmanyam et al., 2006). Com isto, a internet veio facilitar este processo, através do seu anonimato, permitindo ao adolescente, fazer a sua pesquisa e aprendizagem de forma eficaz e rápida, evitando o desconforto de conversar com o adulto sobre esta temática sensível (Subrahmanyam et al., 2006). Na obstante, nem tudo é positivo, visto que, cada vez mais estes jovens tendem, não só a usar a internet como suporte de aprendizagem, como também tendem a trocar conteúdo sexualmente sugestivo. Deste modo, a generalidade dos estudos tem-se concentrado nesta faixa etária, uma vez que, tem sido verificada que a perpetração da violência de namoro, tanto física como emocional, poderá iniciar-se na faixa etária compreendida entre os 10 e os 14 anos, idade em que se iniciam os relacionamentos afetivo-amorosos (Bowker & Etkin, 2014). Isto deve-se, em grande medida, a estes apresentarem uma posição mais permissiva para com comportamentos abusivos de controlo, como o ciúme, comumente sustentados e legitimados pelo discurso do mito do amor, onde este é percebido como sinónimo de amor e demonstração de preocupação (Andrade et al., 2021; Ameral et al., 2020; Borrajo et al., 2015). No estudo desenvolvido por Santos e Caridade (2017) o ciúme e a necessidade de controlo do parceiro são as principais causas identificadas no fenómeno do ciber-abuso. Corroborando, Rodríguez-Domínguez et al. (2018) afirmam que os comportamentos de ciber-abuso nos relacionamentos são atribuídos a um contexto de brincadeira e que as crenças pautadas no sexismo e no ciúme motivam a ocorrência de violência nos relacionamentos, transcendendo para o espaço virtual. Segundo Patchin e Hinduja (2006), outro fator é o facto de os adolescentes não perceberem o abuso virtual como algo prejudicial ao seu bem-estar e acreditarem que, o abuso digital não os afeta, caracterizando os comportamentos de ciber-abuso como irritantes, mas não agressivos.

Conforme a literatura, o pico preocupante de ocorrência de comportamentos abusivos ocorre entre os 18 e os 25 anos, período que coincide com a frequência do ensino superior (Johnson et al., 2014). Com isto, verificou-se que, 75% dos estudantes universitários relataram ser vítimas de ciber-abuso em relacionamentos afetivo-amorosos (Bennett et al., 2011). Foi possível ainda perceber que, 20% de indivíduos do sexo feminino com idade média de 20,7 anos (por um intervalo etário), já enviaram conteúdo sexualmente explícito pelo menos uma vez na vida, dos quais, 14,8% enviaram o conteúdo, 27,4% receberam, 12% viram o seu conteúdo ser reencaminhado para terceiros sem o seu consentimento e por fim, 8,4% relataram receber conteúdo sexualmente explícito reencaminhado de terceiros sem o seu consentimento. Também foi possível verificar a prevalência de 92% de vitimização em estudantes universitários (Bennett et al., 2011), sendo que, o ciber-abuso de caráter sexual afetou entre 13% (Dick et al., 2014), a 92,6% destes indivíduos (Marganski & Melander, 2018).

Alguns estudos anteriores verificaram que o ciber-abuso na adolescência tem caráter bidirecional, ou seja, os indivíduos, de ambos os sexos, vítimas tendem também a perpetrá-la (Ruiz, 2014; Lucero et al., 2014; Algovia et al., 2017; Smith et al., 2018).

Em estudos anteriores relativos à adesão às novas tecnologias e às redes sociais por parte da população adulta, tem-se verificado o aumento de números de adesão, o que reitera a importância de estudos nesta faixa etária (Cavalcanti & Coutinho, 2019). Esta prevalência de ciber-abuso na faixa etária adulta, tende a estar correlacionada com a facilidade de sinalizar potenciais ameaças à relação, quer sejam reais ou imaginárias, como sinais de infidelidade, ciúmes e insatisfação no relacionamento (Elphinston & Noller, 2011; Stonard et al., 2017), o que foi possível verificar em estudos anteriores, onde 65% dos indivíduos adultos referiram utilizar os meios eletrônicos para localizar o parceiro (Burke et al., 2011). Verificou-se também que, 10% da população adulta já enviou conteúdo sexualmente explícito para o seu parceiro (Cavalcanti & Coutinho, 2019). Estudos realizados com o recurso à escala *Cyber Dating Abuse Questionnaire* (CDAQ), demonstraram uma prevalência de perpetração de ciber-abuso entre 49,6% - 88,4% (Caridade et al., 2019) e de vitimização entre 65% e 81% (Caridade & Braga, 2019).

Indivíduos do sexo masculino tendencialmente procuram algum tipo de contacto sexual com intenções de relacionamento a curto prazo ou sexo casual mesmo com indivíduos desconhecidos, enquanto que indivíduos do sexo feminino tendem a valorizar relações a longo-prazo, preferindo contacto sexual com indivíduos com quem

já possuem algum tipo de intimidade ou conexão emocional (Morin et al., 2018), como tal, as mulheres acabam por estar mais suscetíveis à vitimização nos relacionamentos amorosos, no entanto, a maioria dos estudos não corrobora a existência de diferenças na prevalência de perpetração de ciber-abuso entre os sexos (Borrajo et al., 2015; Smith-Darden et al., 2017) e na vitimização (Smith et al., 2018; Temple et al., 2016; Wolford-Clevenger et al., 2016). Em contrapartida, no estudo mais recente de Caridade & Braga (2020), verificou-se que indivíduos do sexo feminino tem maior probabilidade de se tornarem vítima de ciber-abuso, enquanto que indivíduos do sexo masculino tem maior probabilidade de se tornarem perpetradores (Reed et al., 2017; Caridade & Braga, 2019; Jaen-Cortés et al., 2017; Jiménez et al., 2017).

No que diz respeito a Portugal, os dados ainda são escassos devido ao pouco estudo desta problemática, sendo que os estudos existentes têm-se focado na faixa etária jovem. Num estudo realizado por Caridade (2019), a taxa de prevalência de vitimização é de 92,0% e a de perpetração é de 93,7%.

Fatores de proteção e Fatores de risco do Ciber-abuso

Os fatores de risco e de proteção são considerados elementos-chave quando se pretende evitar a (re)ocorrência de determinado comportamento, contribuindo para o aumento ou diminuição da probabilidade de ocorrência deste (Farrington et al., 2016). De acordo com a literatura existente, são identificados como fatores de proteção para a ocorrência de vitimização e perpetração de ciber-abuso o envolvimento dos pais (Peskin et al., 2017; Smith-Darden et al., 2017), a alta coesão familiar (Muñiz Rivas & Monreal Gimeno, 2017) e a boa relação parental, caracterizada por uma vinculação segura, proximidade entre pais e filhos (Peskin et al., 2017) e uma boa comunicação (Temple et al., 2016).

Em contrapartida, estão relacionados como fatores de risco para a perpetração do ciber-abuso a exposição a um contexto familiar agressivo, caracterizados por violência interparental (Ramos et al., 2017), a legitimação do ciber-abuso, os mitos/crenças de ciúme comportamental ou romântico (Deans & Bhogal, 2017), crenças sexistas, estereótipos de género, narcisismo, vitimização por *bullying* e/ou *cyberbullying* (Caridade et al., 2019) e consumo de substâncias e uso de álcool (Lu et al., 2018). No que diz respeito à vitimização, estão associados a vulnerabilidade, os relacionamentos entre pares de risco, caracterizada por vinculações inseguras, os comportamentos sexuais de risco, como atividade sexual iniciada precocemente, menor uso de

anticoncepcionais, maior coerção a reprodução (Dick et al., 2014), vida sexual ativa e *sexting* (Ouytsel et al., 2017), o tempo gasto em redes sociais e uso problemático da internet (Machimbarrema, 2018) sintomatologia depressiva e ansiosa, sofrimento emocional e/ou psicológico, raiva (Deans & Bnagal, 2017), hostilidade (Machimbarrena et al., 2018), baixa autoestima, baixo autoconceito, histórico de abuso em relacionamentos anteriores (Borrajo et al., 2015), início precoce de relacionamentos amorosos e relacionamentos recorrentes (Hancock et al., 2017), fraca coesão parental e envolvimento com parceiros mais velhos (Allen et al., 2014). Corroborando Smith et al. (2018), identificaram a autoestima como resultado da vitimização de ciber-abuso, mas também como fator de risco, devido ao agressor identificar a pessoa com autoestima baixa como alvo fácil devido á sua vulnerabilidade.

Modelos teóricos do ciber-abuso

Com o objetivo de compreender e explicar o fenómeno do ciber-abuso é importante abordar os modelos teóricos existente.

A teoria da aprendizagem social de Akers (2016) sugere que os indivíduos se tornam mais propensos a serem perpetradores de violência após observarem tais comportamentos (Akers et al., 2016). Esta aprendizagem social pode dar-se através da observação ou experiência direta (Felson & Lane, 2009). Segundo o autor, indivíduos que testemunham ou observam comportamentos abusivos em encontros de familiares e amigos são mais propensos a imitar estes comportamentos aos quais foram expostos. Para além da aprendizagem por observação e imitação, a teoria da aprendizagem social indica também a aprendizagem por associação diferencial. Com isto, indivíduos que experienciam ciber-abuso nos relacionamentos tem maior probabilidade de “transmitir” estes comportamentos como aceitáveis para outros indivíduos, ou seja, se o indivíduo perceber o comportamento abusivo como aceitável terá maior probabilidade de se tornar perpetrador de ciber-abuso. Por exemplo, se uma criança testemunhar comportamentos abusivos entre os pais, terá maior probabilidade de compreender esses comportamentos como aceitáveis e normais, tornando-se no futuro, perpetrador de violência quando ocorrer uma situação de conflito.

Já segundo Fox et al. (2016), indivíduos que entendem o ciber-abuso como comportamento normal e comum entre os pares, estão mais propensos a relatar vitimização. Em conformidade, Ouytsel et al. (2017) identificaram relação entre a observação de comportamentos de violência entre os pais e relatos de vitimização por

cyberstalking e aceitação de ciber-abuso, verificando-se assim, a observação, imitação e associação diferencial.

Vazsonyi et al. (2017) verificaram relação entre baixo autocontrole e perpetração de ciber-abuso (Reyns et al., 2019), destacando-se o *cyberstalking* (Marcum et al., 2014) e o *cyberbullying* (Shadmanfaat et al., 2019).

Em estudos que avaliaram a relação entre o ciber-abuso, a teoria de aprendizagem social de Akers e o baixo autocontrole abordado pela teoria geral de crime de Gottfredson & Hirschi, foi possível perceber que a aprendizagem social explica melhor o ciber-abuso em comparação com o baixo autocontrole, no entanto o baixo autocontrole surge mais vezes correlacionado com a perpetração e vitimização de ciber-abuso devido á maior exposição a pares desviantes (Marcum et al., 2014; Nodeland & Morris, 2018; Shadmanfaat et al., 2019).

Por fim, a teoria de apego de Bowlby (1969) propõe que as interações com o grupo de pares são baseadas na qualidade das relações entre bebê e cuidador. De acordo com Bowlby, o indivíduo desenvolve estilos de vinculação, podendo ser seguros, inseguros evitantes ou inseguros ansiosos, com base na relação com os cuidadores. Assim, os estilos de vinculação seguros permitem que o indivíduo desenvolva relacionamentos românticos seguros. Em contraste, os estilos de vinculação inseguros evitantes são caracterizados pela evitação (Brennan et al., 1998), devido ao medo de proximidade, preferindo a distância do parceiro, enquanto no estilo de vinculação insegura ansiosa, dá-se ansiedade e preocupação de que o parceiro não esteja disponível quando necessário (Hazan & Shaver, 1987). Estes estilos de vinculação inseguros desencadeiam pensamentos e emoções negativas, levando a disfunções e comportamentos desviantes.

Posto isto, no estudo de Collins et al. (2002) verificou-se que indivíduos com estilos de vinculação inseguros evitantes como evitam comportamentos de intimidade e proximidade, demonstram menos probabilidade de se tornarem perpetradores e vítimas de ciber-abuso. Em contrapartida, vários estudos identificaram que indivíduos com estilos de vinculação inseguros ansiosos, devido a perceberem o parceiro como inacessível, estão mais propensos a demonstrarem comportamentos de raiva e hostilidade, assim como de controle, conduzindo à perpetração de ciber-abuso no relacionamento (Goncy & Van Dulmen, 2016; Park, 2016; Sommer et al., 2017; Toplu-Demirtas et al., 2019), com maior representação em adolescentes e estudantes universitários (Bui & Pasalich, 2018; Reed et al., 2016; Wright, 2017).

Relação entre a Vinculação e o ciber-abuso

Segundo Bowlby e Ainsworth (1985) a vinculação diz respeito a “ligações afetivas” e remete para a matriz das relações humanas, tendo início na primeira infância e é estável ao longo da vida, sendo que, pode ser modificada devido à ocorrência de acontecimentos traumáticos, a certas condições de educação especializada ou psicoterapia.

Segundo o autor, as figuras parentais são as principais figuras de vinculação e a principal base social da criança. Estes, contribuem para o desenvolvimento das suas competências, como habilidades sociais e emocionais, e para a aprendizagem de dimensões significativas como a interação (Alarcão, 2006).

Sendo que a vinculação pode ser segura, insegura evitante ou insegura ansiosa, a vinculação segura, diz respeito a cuidadores afetuosos e responsivos, que promovem o desenvolvimento de laços emocionais e competências sociais da criança, contribuindo para o desenvolvimento da maturidade emocional da criança (Roelofs et al., 2005) e para uma percepção favorável sobre si, os outros e o contexto onde está inserida. Este tipo de vinculação tende a capacitar o indivíduo de empatia, assertividade, independência, autoconfiança e autocontrolo (Tepper, 2007), promovendo que este se adapte de forma positiva às mudanças, tornando-se emocionalmente mais capaz de enfrentar as vicissitudes da vida e mais flexível na forma como elabora os seus pensamentos e comportamentos (Hazan & Shaver, 1987; Lyddon & Sherry, 1998). Relativamente à vinculação insegura, esta está relacionada com estilos parentais caracterizados por rejeição, baixo suporte emocional (Simões et al., 2011) e níveis de vulnerabilidade cognitiva (Granja & Mota, 2018). No caso da vinculação insegura ansiosa, tende a levar a uma desvalorização e desconfiança por parte do indivíduo relativamente a si (self), aos outros e ao mundo. É caracterizada pela sensibilidade ao medo de abandono, manifestando-se na preocupação relativa à disponibilidade afetiva e ao apoio do parceiro (Moreira et al., 2015) e à procura de proximidade excessiva para com este. Segundo Bowlby (1985), o apego desenvolve-se nos primeiros meses de vida do indivíduo, através da relação com as figuras de vinculação, que tem como dever garantir segurança e proteção (Simões et al., 2013), o que desencadeia estados afetivos e de pensamento que posteriormente irão determinar as respostas do indivíduo a vivências de acordo com as suas crenças positivas ou negativas em relação a si (*self*), aos outros e ao mundo contruídas com base nos seus estilos de vinculação. No que diz respeito à

vinculação insegura evitante, os indivíduos demonstram vinculação evitante como estratégia de *coping* e como autoproteção a ameaças como o ciber-abuso, constante desconfiança pelos outros, uma visão derrotista do próprio e do mundo como sendo perigoso (Fergus & Zimmerman, 2005). Com isto, o indivíduo tende a negar a necessidade de relações de intimidade esforçando-se para manter distanciamento emocional (Mikulincer & Shaver, 2016) e a negar ajuda, mostrando dificuldade em procurar ajuda prejudicando as suas capacidades sociais e de regulação emocional (Bender et al., 2012).

Segundo Bowlby (1969), é na adolescência que ocorre a fase de separação-individualização, onde ocorre a separação deliberada das figuras de vinculação e a procura de relações de vinculação, ocorrendo uma generalização do padrão de vinculação a outras figuras como por exemplo irmãos, colegas, professores e até outros profissionais (Sousa & Ribeiro, 2002). Com isto, dão-se duas grandes mudanças relativas à vinculação, sendo que, na primeira fase a vinculação passa pelo desenvolvimento de relações recíprocas, onde cada par é figura de vinculação do outro, e numa segunda fase, onde se dá a substituição da figura de vinculação principal, passando das figuras parentais para um par romântico. Hazan e Shaver (1987) estudaram os estilos de vinculação nos relacionamentos afetivo-amorosos na idade adulta (Shaver & Fraley, 2000), e perceberam que, os estilos de vinculação na infância se mantem na idade adulta. Posto isto, assim como nas relações de vinculação parental, os relacionamentos amorosos com uma vinculação segura, tinham por base a confiança, disponibilidade, responsabilidade e intimidade, o que conseqüentemente, se relacionam com maiores níveis de satisfação com a relação (Monteoliva & García-Martínez, 2005). Já as relações com vinculação insegura ansiosa, caracterizam-se pela procura em demasia de proximidade com o parceiro e na preocupação constante com questões como rejeição e abandono (Hadden et al., 2014). Por fim, as relações de vinculação insegura evitante, remetem para o desconforto com a proximidade do parceiro, o que remete a baixos níveis de investimento emocional nos relacionamentos, sendo mais propensos a se manterem distanciados e não se preocuparem com a qualidade da relação (Hadden et al., 2014). De acordo com a literatura, indivíduos com estilos de vinculação segura, relatam níveis mais baixos de uso de redes sociais, em comparação com indivíduos com estilos de vinculação insegura (Blackwell et al., 2017; Jenkins-Guarnieri et al., 2013), que estão associados ao uso problemático da internet e respetivas redes sociais (Kulkarni et al., 2018). As redes sociais desempenham um papel central na vida social, e sendo

geralmente usadas para promover e manter relacionamentos, o estilo de vinculação de um indivíduo pode afetar o uso dessas plataformas sociais (Kulkarni et al., 2018), levando ao fenômeno do ciber-abuso, como forma de controlar e vigiar o parceiro nas relações caracterizadas por uma vinculação insegura ansiosa, devido ao seu medo e preocupação constante de abandono, procurando segurança, através da monitorização e controle do parceiro (Blackwell et al., 2017). Estes indivíduos tendem também a preservar relacionamentos abusivos, interpretando os comportamentos como a monitorização, como oportunidades de ganhar mais atenção por parte do parceiro. A vinculação insegura ansiosa tem sido relacionada à perpetração de abuso psicológico e ao ciber-abuso em relacionamentos (Goncy & van Dulmen, 2016), bem como, à perpetração de *sexting* e *cyberstalking* (Strawhun et al., 2013; Weisskirch & Delevi, 2011). Em contrapartida, indivíduos em relações com estilos de vinculação insegura evitante, como evitam comportamentos de intimidade e proximidade, são menos propensos a desenvolverem comportamentos de controlo do parceiro através das redes sociais, estando então, relacionados com baixos índices de correlação com o fenómeno do ciber-abuso (Blackwell et al., 2017).

Consequências negativas do ciber-abuso

Segundo a literatura existente, a vitimização por ciber-abuso está associada a várias implicações, tanto a nível psicológico como físico. Em vários estudos, percebe-se que a ansiedade, o sofrimento psicológico, a sintomatologia depressiva e ansiosa (Hellevik, 2019; Lancaster et al., 2016); Stonard, 2020), consumo excessivo de álcool, aumento de uso de substâncias (Bennett et al., 2011) e a ocorrência de sexo desprotegido são as consequências negativas mais prevalentes. Segundo Hancock et al. (2017) vítimas de ciber-abuso, apresentam também autoestima e autoconceito negativos, entendendo os comportamentos abusivos e de monitoramento como representativos da sua autoestima, internalizando sentimentos de inferioridade, diminuição de valor, incompetência e auto culpabilização. Em conformidade Ortega et al. (2012) também afirmaram que, a sensação de vergonha, impotência e culpa estão relacionadas como resultado da vitimização por ciber abuso.

Já Flach e Deslandes (2017) identificam também a existência de perturbações de sono, ideação suicida e percursos escolares negativos como resultado da vivência de ciber-abuso. Outros estudos assinalam também a solidão e isolamento social como resultante

da vitimização (Gámez-Guadix et al., 2013; Landstedt & Persson, 2014; Wright, 2015). Wells e Mitchell (2014) identificaram casos de automutilação, purgação e Orpinas et al. (2012) abordam as estratégias desadequadas de resolução de conflitos.

Por fim, alguns estudos encontraram a existência de angústia, dificuldades em regular emoções (Najdowski & Ullman, 2011), inibição no ato de procura de ajuda, sentimento de desamparo (Baldry et al., 2018), stress, ansiedade social, suspeita (Menesini et al., 2012; Patchin & Hinduja, 2010) e PTSD como consequências da vitimização de ciber-abuso (Holladay, 2016; Lu et al., 2018).

Relação entre a Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) e o ciber-abuso

A ocorrência de sintomatologia traumática tem vindo a aumentar radicalmente nos últimos anos, assim como, o fenómeno do ciber-abuso nos relacionamentos amorosos. Devido a este se tratar de comportamentos de tipologia abusiva, envolvendo o controlo, ameaças, humilhação pública, abuso de carácter sexual, psicológico, cada vez mais se tem vindo a correlacionar com sintomatologia traumática e consequentemente perturbação (Banyard & Cross, 2008; L. & A.A., 2012; Teten et al., 2009).

A Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) está inserida como entidade nosológica na categoria das Perturbações relacionadas com Trauma e Stress no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-5; APA, 2014). Este, identifica como critérios de diagnóstico a exposição direta, testemunho presencial ou o conhecimento de acontecimento(s) traumático(s) a familiares ou amigos próximos, como morte, ameaça de morte, morte real, ferimento grave ou violência sexual (Critério A), a presença de sintomas intrusivos com início posterior ao(s) acontecimento(s), sendo que, os mais prevalentes são os sintomas intrusivos, involuntários e recorrentes, como lembrança do acontecimento traumático causando mal estar, sonhos perturbadores recorrentes, reações dissociativas (como *flashbacks*) nas quais o sujeito atua e sente como se estivesse a revivênciar o acontecimento traumático, mal-estar psicológico intenso ou prolongado, reações fisiológicas intensas à exposição a estímulos internos ou externos que se simbolizem ou assemelhem ao(s) acontecimento(s) traumático(s) (Critério B) (Ferração & Oliveira, 2016), o evitamento persistente dos estímulos associados ao(s) acontecimento(s) traumático(s), como evitamento ou esforço para evitar memórias, pensamentos ou emoções que causem mal-estar acerca do(s)

acontecimento(s) traumático(s), assim como de estímulos externos que despertem memórias, pensamentos ou emoções que causem mal-estar acerca do(s) acontecimento(s) traumático(s) (Critério C), as alterações negativas nas cognições e no humor associadas ao(s) acontecimento(s) traumático(s), com início após a ocorrência do(s) acontecimento(s) traumático(s) como incapacidade para lembrar um aspeto importante do(s) acontecimento(s), crenças ou expectativas sobre o próprio, os outros ou o mundo, exageradamente negativas e persistentes, cognições distorcidas persistentes acerca das causas ou consequências do(s) acontecimento(s), estado emocional negativo persistente, diminuição de interesse ou participação em atividades significativas, sensação de estar desligado e de estranheza em relação aos outros e incapacidade persistente de experimentar emoções positivas (Critério D). Ocorrem também alterações significativas da ativação e reatividade associadas ao(s) acontecimento(s) traumático(s) como comportamento irritável ou acessos de raiva, comportamento imprudente ou autodestrutivo, hipervigilância, resposta de sobressalto exagerada, dificuldades de concentração e perturbações de sono (Critério E). A duração da perturbação (Critérios B, C, D e E) é superior a um mês (Critério F), sendo que esta causa mal-estar clinicamente significativa ou déficit no funcionamento social, ocupacional ou em outra área importante (Critério G) e a não é atribuível aos efeitos fisiológicos de uma substância (Critério H).

Estudos apontam que, na população geral, se verificou uma prevalência de 5% a 10% de ocorrência de Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) (Cardoso et al., 2017; Shalev et al., 2017). Em Portugal, a prevalência remete para 5.3%, sendo que, diz respeito a uma das mais prevalentes perturbações mentais no país (Antunes et al., 2018; Cardoso et al., 2017).

É possível verificar que são bastante escassos estudos que correlacionem estas duas variáveis e que estudem a sua relação, no entanto, através de estudos sobre a problemática do ciber-abuso, é possível entender que, a ocorrência do ciber-abuso implica inúmeros problemas tanto a nível mental (através de sintomatologia depressiva, ansiosa e traumática) como a nível físico e comportamental (Gámez-Guadix et al., 2018; Hancock et al., 2017) surgindo a PTSD como resultado da vitimização de ciber-abuso (Ranney et al., 2016). Segundo, a National Stalking Helpline, no Reino Unido, 67% das vítimas de ciber-abuso sofrem de sintomatologia traumática e segundo a CIU (2015) 35% apresentavam diagnóstico de PTSD.

Relação entre Ciber-abuso, Vinculação e Perturbação de Stress Pós-Traumático

Apesar de os traumas que são vivenciados diretamente apresentarem uma associação maior com o desenvolvimento da perturbação (LeBouthillier et al., 2017) cada experiência traumática é subjetiva a cada um, assim como a maneira como se a vivencia e interpreta, envolvendo vários fatores que são construídos ao longo da vida do indivíduo, sendo um deles a vinculação.

Segundo Nye et al. (2008) no decorrer de uma exposição a um evento potencialmente traumático, o sistema de vinculação é ativado com o objetivo de proteger ou manter a segurança e integridade do indivíduo. A partir do estilo de vinculação, os sujeitos vivenciam, percebem e interpretam de forma distinta o acontecimento traumático, utilizando diferentes estratégias de *coping* com o objetivo de lidar com a sintomatologia intrusiva e com a excitação fisiológica após a exposição ao trauma (Nye et al., 2008). Estudos anteriores encontraram evidências de que a vinculação se correlaciona significativamente com a PTSD, sendo que, indivíduos com estilos de vinculação segura tendem a apresentar menores índices de sintomatologia traumática do que indivíduos com estilos de vinculação insegura (Declercq & Willemsen, 2006; Dekel et al., 2005; Kanninen et al., 2003; O'Connor & Elklit, 2008). Hinduja e Patchin (2011) também relacionam estilos de vinculação insegura evitante a níveis mais elevados de stress, devido à existência de incerteza na relação.

A ocorrência de um evento traumático tende a desenvolver padrões de vinculação desorganizados e disfunção na capacidade de estabelecer vinculações seguras (Silva, 2016).

Estudos como os de Blackwell et al. (2017), Jenkins-Guarnieri et al. (2013), Kulkarni et al. (2018), Blackwell et al. (2017), Goney & van Dulmen (2016), Strawhun et al. (2013), Weisskirch & Delevi (2011) e Blackwell et al. (2017), que correlacionam os estilos de vinculação e o ciber-abuso, concluíram que os estilos de vinculação estão positivamente correlacionados com o ciber-abuso, influenciando a adesão a este, assim como, o modo como o indivíduo medeia e vivencia a vitimização, podendo ou não conduzir a várias consequências no que diz respeito à integridade do indivíduo, não só social, física, como psicológica, podendo conduzir a várias patologias, como o caso da Perturbação de Stress Pós- Traumática. Esta associação foi percebida por alguns estudos como os de Gámez-Guadix et al. (2018), Hancock et al. (2017) e pelo estudo realizado pela National Stalking Helpline, no Reino Unido.

No entanto, não encontramos estudos, tanto internacionais como nacionais, que abordem a correlação entre o ciber-abuso, a vinculação e a Perturbação de Stress Pós-Traumático. Portanto, consideramos notória a necessidade de novos estudos no que diz respeito à problemática, fornecendo dados e prevalências atuais e esclarecedores relativamente à população portuguesa, permitindo perceber a gravidade da problemática e a sua evolução. Posto isto, o presente estudo terá como objetivo explorar o papel preditivo da vinculação e das variáveis sociodemográficas no ciber-abuso e o papel preditivo do ciber-abuso na Perturbação de Stress Pós-Traumático em adolescentes e adultos.

Metodologia

Desenho do Estudo

O presente estudo é de carácter quantitativo, descritivo e transversal, pretendendo explorar e determinar a existência de relações entre variáveis num único momento.

Objetivos do estudo

O presente estudo tem como objetivo geral explorar o papel preditivo da vinculação e das variáveis sociodemográficas no ciber-abuso e o papel preditivo do ciber-abuso na Perturbação de Stress Pós-Traumático em adolescentes e adultos.

Objetivos específicos

Foram definidos como objetivos específicos, os seguintes: a) explorar a relação entre o ciber-abuso e a Perturbação de Stress Pós-traumático, percebendo se o ciber-abuso está relacionado ou prediz a perturbação; b) explorar a relação entre a vinculação e o ciber-abuso e se esta o prediz; c) perceber se, as variáveis sociodemográficas predizem e estão relacionadas com o ciber-abuso.

Hipóteses do estudo

Indivíduos do sexo masculino tendencialmente procuram algum tipo de contacto sexual com intenções de relacionamento a curto prazo ou sexo casual mesmo com indivíduos desconhecidos, enquanto que indivíduos do sexo feminino tendem a valorizar relações a longo-prazo, preferindo contacto sexual com indivíduos com quem já possuem algum tipo de intimidade ou conexão emocional (Morin et al., 2018), como tal, as mulheres acabam por estar mais suscetíveis à vitimização nos relacionamentos amorosos, no entanto, a maioria dos estudos não corrobora a existência de diferenças na prevalência de perpetração de ciber-abuso entre os sexos (Borrajo et al., 2015; Smith-Darden et al., 2017) e na vitimização (Smith et al., 2018; Temple et al., 2016; Wolford-Clevenger et al., 2016). Segundo Caridade & Braga (2020), indivíduos do sexo feminino tem maior probabilidade de se tornarem vítima de ciber-abuso, enquanto indivíduos do sexo masculino tem maior probabilidade de se tornarem perpetradores (Reed et al., 2017; Caridade & Braga, 2019; Jaen-Cortés et al., 2017; Jiménez et al., 2017).

H₁ Posto isto, esperam-se pontuações mais elevadas de vitimização por ciber-abuso no sexo feminino e pontuações mais elevadas de perpetração de ciber-abuso no sexo masculino.

Estudos como os de Blackwell et al. (2017), Jenkins-Guarnieri et al. (2013), Kulkarni et al. (2018), Blackwell et al. (2017), Gony & van Dulmen (2016), Strawhun et al. (2013), Weisskirch & Delevi (2011) e Blackwell et al. (2017), que correlacionam os estilos de vinculação e o ciber-abuso, concluíram que os estilos de vinculação estão positivamente correlacionados com o ciber-abuso, influenciando a adesão a este, assim como, o modo como o indivíduo medeia e vivencia a vitimização, podendo ou não conduzir a várias consequências no que diz respeito à integridade do indivíduo, não só social, física, como psicológica, podendo conduzir a várias patologias, como o caso da Perturbação de Stress Pós- Traumática.

H₂ Com isto, esperam-se pontuações mais elevadas de perpetração e vitimização de ciber-abuso em indivíduos com vinculação ansiosa, e pontuações mais baixas de perpetração e vitimização em indivíduos com vinculação evitante. Espera-se também que a escala ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais esteja positivamente correlacionada com a escala CAN - Ciberabuso no Namoro.

Estudos anteriores encontraram evidências de que a vinculação se correlaciona significativamente com a Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD), sendo que, indivíduos com estilos de vinculação segura tendem a apresentar menores índices de sintomatologia traumática do que indivíduos com estilos de vinculação insegura (Declercq & Willemssen, 2006; Dekel et al., 2005; Kanninen et al., 2003; O'Connor & Elklit, 2008).

H₃ Posto isto, esperam-se níveis mais baixos de sintomatologia traumática em indivíduos com níveis mais altos de vinculação e esperam-se níveis mais altos de sintomatologia traumática em indivíduos com níveis mais altos de vinculação ansiosa e vinculação evitante. Espera-se também que a escala ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais esteja positivamente correlacionada com a escala PCL-5- Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5.

Não encontramos estudos, tanto internacionais como nacionais, que abordem a correlação entre o ciber-abuso, a vinculação e a Perturbação de Stress Pós-Traumático. Portanto, consideramos notória a necessidade de novos estudos no que diz respeito à

problemática, fornecendo dados e prevalências atuais e esclarecedores relativamente à população portuguesa, permitindo perceber a gravidade da problemática.

H₄ Posto isto, espera-se uma correlação entre as subescalas do ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais, do CAN – Ciber-abuso no Namoro e do PCL-5 - Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5.

As redes sociais desempenham um papel central na vida social, e sendo geralmente usadas para promover e manter relacionamentos, o estilo de vinculação de um indivíduo pode afetar o uso dessas plataformas sociais (Kulkarni et al., 2018), levando ao fenómeno do ciber-abuso, como forma de controlar, vigiar e assediar o parceiro nas relações caracterizadas por uma vinculação insegura ansiosa, devido ao seu medo e preocupação constante de abandono, procurando segurança, através da monitorização e controle do parceiro (Blackwell et al., 2017).

H₅ Posto isto, espera-se que a vinculação prediga o ciber-abuso.

Conforme a literatura, o pico preocupante de ocorrência de comportamentos abusivos ocorre entre os 18 e os 25 anos, período que coincide com a frequência do ensino superior (Johnson et al., 2014).

Em contrapartida, no estudo mais recente de Caridade & Braga (2020), verificou-se que indivíduos do sexo feminino tem maior probabilidade de se tornarem vítima de ciber-abuso, enquanto que indivíduos do sexo masculino tem maior probabilidade de se tornarem perpetradores (Reed et al., 2017; Caridade & Braga, 2019; Jaen-Cortés et al., 2017; Jiménez et al., 2017).

H₆ Posto isto, espera-se que as variáveis sociodemográficas predigam o ciber-abuso.

As redes sociais desempenham um papel central na vida social, e sendo geralmente usadas para promover e manter relacionamentos, o estilo de vinculação de um indivíduo pode afetar o uso dessas plataformas sociais (Kulkarni et al., 2018), levando ao fenómeno do ciber-abuso, como forma de controlar, vigiar e assediar o parceiro nas relações

H₇ Posto isto, espera-se que o ciber-abuso prediga a PTSD.

Medidas e Instrumentos de avaliação

Para o presente estudo foram utilizados o questionário sociodemográfico, a versão portuguesa da escala Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM- 5 (PCL-5); o Questionário sobre Ciber Abuso no Namoro (CAN) e a escala Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais (ECR-RS).

No que diz respeito ao questionário sociodemográfico este engloba questões de caracterização sociodemográfica como idade, sexo e estado civil. Destinado ao presente estudo foi incluída uma questão relativamente à idade do parceiro.

No que diz respeito à escala Questionário sobre Ciber Abuso no Namoro (CAN), foi desenvolvida por Borrajo, Gámez-Guadix e Calvete, em 2015 e adaptada para a população portuguesa por Caridade e Braga em 2019, com o objetivo de estimar diferentes tipos de ciber - abuso nos relacionamentos amorosos, como ameaças, roubo de identidade, controlo e humilhação, em termos de vitimização e perpetração (Borrajo et al., 2015). É constituída por 40 itens, sendo que, 20 se destinam a avaliar o indicador de vitimização e os outros 20 se destinam a estimar o indicador de perpetração. Os itens distribuem-se por quatro dimensões, sendo estas Agressão direta – Vitimação (itens 3,5, 7, 11, 15, 17, 19, 23, 29, 31, 35) (e.g., “O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) já ameaçou agredir-me fisicamente através das novas tecnologias”); Agressão direta – Perpetração (itens 4, 6, 8, 12, 16, 18, 20, 24, 30, 32, 36) (e.g., “Eu já enviei mensagens a insultar e/ou humilhar o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a), utilizando as novas tecnologias”), Controlo – Vitimação (itens 1, 9, 13, 21, 25, 27, 33, 37, 39) (e.g., “O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já acedeu aos conteúdos do meu telemóvel sem a minha permissão”) e Controlo – Perpetração (itens 2, 10, 14, 22, 26, 28, 34, 38) (e.g., “Eu já controlei as amizades das redes sociais do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a)”) (Borrajo et al., 2015 cit in Caridade & Braga, 2019).

As respostas são realizadas com recurso a uma escala de resposta de tipo *Likert* de 6 pontos, onde 1 corresponde a Nunca, 2 corresponde a Não, no último ano, mas já aconteceu anteriormente, 3 corresponde a Raramente: 1 ou 2 vezes, 4 corresponde a Às vezes: entre 3 a 10 vezes, 5 corresponde a Frequentemente: entre 11 a 20 vezes e 6 corresponde a Muitas vezes: mais de 20 vezes).

Em termos de consistência interna, relativamente ao instrumento, tem-se vindo a verificar boa fidelidade, obtendo-se valores de alfa de Cronbach entre .84 e .91. No que diz respeito ao presente estudo, a escala apresentou muito boa fiabilidade e consistência

interna (Alfa de Cronbach =.94). No que diz respeito às suas dimensões, a primeira, agressão direta – vitimação (itens 3,5, 7, 11, 15, 17, 19, 23, 29, 31, 35) apresentou boa fiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach =.85), na segunda dimensão agressão direta – perpetração (itens 4, 6, 8, 12, 16, 18, 20, 24, 30, 32, 36) apresentou muito boa fiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach =.92), assim como na terceira dimensão controlo – vitimação (itens 1, 9, 13, 21, 25, 27, 33, 37, 39) (Alfa de Cronbach =.92) e na quarta dimensão controlo – perpetração (itens 2, 10, 14, 22, 26, 28, 34, 38) apresentou boa fiabilidade interna (Alfa de Cronbach =.88).

Relativamente à escala Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM- 5-Civilian Version (PCL -5), foi desenvolvida por Weathers e seus colaboradores em 2013, trata-se de uma escala de rastreio clínico de PTSD. Foi adaptada para a versão portuguesa por Carvalho, Teixeira e Gouveia, em 2018. É composta por 20 itens divididos em quatro subescalas correspondentes aos critérios de diagnóstico do DSM-5 (APA, 2013) (Ashbaugh et al., 2016), sendo estes Intrusão (itens de 1 a 5, correspondentes aos critérios de diagnóstico de B1 a B5), vinculação evitante (itens 6 e 7, correspondentes aos critérios de diagnóstico C1 e C2), Alterações negativas nas cognições e no humor (itens de 8 a 14, correspondentes aos critérios de diagnóstico de D1 a D7) e Ativação e Reatividade (itens de 15 a 20, correspondentes aos critérios de diagnóstico de E1 a E6). São alguns exemplos os seguintes itens: “Memórias repetidas, perturbadoras e indesejadas sobre a situação indutora de stress”; “Sonhos perturbadores e repetidos sobre a situação indutora de stress”; “Ter reações físicas intensas (ex.:palpitações, alterações da respiração, suores) quando algo o(a) faz recordar a situação indutora de stress)”. Para cada sintoma, o participante deve classificar a sua severidade, numa escala *Likert* de cinco pontos de 0 a 5, onde 0 corresponde a “nada” e 5 corresponde a “extremamente”, tendo em conta o quão problemático foi para si no último mês. Os resultados totais podem variar entre 0 e 80, sendo que, quanto mais elevada for a pontuação, mais severa é a sintomatologia (Bovin et al., 2015). Para se estabelecerem diagnósticos provisórios de acordo com as regras do DSM-5 (APA, 2013), um item é considerado clinicamente relevante quando apresenta um resultado igual a 2 (“moderadamente”) ou superior; sendo necessários resultados iguais ou superiores a 2 em pelo menos um sintoma intrusivo, pelo menos um sintoma de vinculação evitante, pelo menos dois sintomas de alterações negativas na cognição e no

humor e pelo menos dois sintomas de alterações significativas da ativação e reatividade (Ashbaugh et al., 2016; Blevins et al., 2015).

Em termos de consistência interna, apresenta valores de alfa de cronbach para os factores Intrusões ($\alpha = .89$), Vinculação evitante ($\alpha = .76$), Alterações Negativas nas Cognitiones e no Humor ($\alpha = .87$) e Alterações da Ativação e da Reatividade ($\alpha = .85$), bem como para a escala total ($\alpha = .94$). No que diz respeito ao presente estudo, a escala apresentou muito boa fiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach =.96). Na primeira dimensão, que representa o Critério de Diagnóstico B, sintomas intrusivos, de Perturbação de Stress Pós-Traumático do DSM-5 (itens 1-5) apresentou muito boa fiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach =.91), assim como, na terceira dimensão que representa o Critério de Diagnóstico D, alterações negativas na cognição e no humor (itens 8-14) (Alfa de Cronbach =.91), já na quarta dimensão, que representa o Critério de Diagnóstico E, alterações da ativação e da reatividade (itens 15-20) apresentou boa fiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach =.85). Excepcionalmente, a segunda dimensão, que representa o Critério de Diagnóstico C, Vinculação evitante, de Perturbação de Stress Pós-Traumático do DSM-5 (itens 6-7) não apresentou uma boa fiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach =.79), sendo esta razoável.

Por fim, a escala Relações Próximas – Estruturas Relacionais (ECR-RS) resulta da tradução e adaptação para a população portuguesa por Moreira, Martins, Gouveira & Canavarro, 2014 da escala Experiences in Close Relationships-Relationship Structures questionnaire (ECR-RS) de Fraley, Heffernan, Vicary e Brumbaugh (2011). É um questionário que fornece uma breve avaliação de estruturas relacionais que avalia duas dimensões de vinculação, a vinculação ansiosa e a vinculação evitante de relacionamentos, relativamente a quatro pessoas significativas distintas (figura materna, figura paterna, companheiro/a atual e melhor amigo/a). Os itens agrupam-se em duas pontuações de vinculação insegura: vinculação evitante (itens 1 a 6) e vinculação ansiosa (itens 7 a 9). São alguns exemplos os seguintes itens: “Ajuda-me poder contar com as pessoas em situações de necessidade”; “Não me sinto confortável para desabafar ou abrir-me com os outros” e “Preocupo-me frequentemente que as outras pessoas não gostem realmente de mim”. Os participantes são instruídos a responder às perguntas considerando os seus relacionamentos. Se as figuras maternas ou paternas faleceram, os indivíduos devem responder considerando como se sentiam quando esta estava viva.

Quando os indivíduos não estão num relacionamento amoroso, eles são solicitados a responder considerando o seu relacionamento mais recente ou o relacionamento que eles imaginam que poderiam ter com alguém. Embora inicialmente desenvolvidos e testados com esses quatro alvos, os autores afirmam que o ECR-RS pode ser usado para outros tipos de relacionamento, como com professores, irmãos e animais de estimação.

Cada item é respondido numa escala tipo *Likert* de 7 pontos que varia de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo plenamente). Os itens 1, 2, 3 e 4 são invertidos. Cada pontuação (de vinculação evitante e ansiosa para cada pessoa significativa) é calculada realizando a soma dos respetivos itens a dividir pelo número de itens que a compõem (média), sendo que valores mais elevados representam maior vinculação evitante ou ansiedade.

As características psicométricas do ECR-RS, de acordo com os autores originais, revelaram um alfa de Cronbach de .93 para a escala de vinculação evitante e .87 para a escala de ansiedade. Na versão portuguesa, os índices de consistência interna mostraram-se igualmente satisfatórios, com um alfa de Cronbach de .72 para a vinculação evitante e .91 para a ansiedade. No que diz respeito ao presente estudo, a escala não apresentou boa fiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach =.73), sendo esta razoável, assim como na sua primeira dimensão, vinculação ansiosa (itens 1-6) (Alfa de Cronbach =.73). Por fim, a segunda dimensão, vinculação evitante (itens 7-9), apresentou boa fiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach =.87).

Procedimentos

Inicialmente foi assegurada a autorização de utilização das respetivas escalas aos autores das adaptações e validações portuguesas. Os instrumentos Questionário sobre Ciber Abuso no Namoro (CAN) e Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5-Civilian Version (PCL-5) foram cedidos pelos autores das respetivas traduções e validações para a população portuguesa após pedido via e-mail. Já o instrumento Relações Próximas- Estruturas Relacionais (ECR-RS) foi facultado pela professora orientadora devido à mesma já ter obtido a autorização previamente.

Sucessivamente, no que concerne à recolha de dados, esta foi realizada online, nos meses de janeiro e fevereiro de 2021 através da partilha do link via correio eletrónico e redes sociais como Facebook e Instagram, recorrendo ao método bola de neve. Foi também partilhado o link com as turmas do curso de psicologia da Universidade Católica Portuguesa-Centro Regional de Braga e com uma turma de

psicologia da Universidade Fernando Pessoa obtendo algumas respostas. Por fim, foi enviado e-mail às associações de estudantes da Universidade Fernando Pessoa e Universidade do Minho - Braga com o objetivo de partilharem com os restantes alunos, não obtendo resposta.

Os participantes tiveram acesso à descrição do estudo, aos objetivos, à garantia de confidencialidade, ao anonimato dos dados recolhidos, ao seu caráter voluntário da participação e às respetivas instruções de preenchimento.

Em seguida, recolhidos todos os dados, foi realizada a análise estatística dos mesmos.

Análise estatística

Após a recolha de dados procedeu-se à integração das respostas numa base de dados do programa de análise estatística Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 28 para análise e discussão através de análises estatísticas descritivas e aplicação de testes. Com o objetivo de obter as pontuações médias das escalas CAN, da PCL-5 e da ECR-RS, realizou-se uma análise descritiva a partir de medidas de tendência central (moda, mediana e média), de dispersão (frequência, intervalo interquartilico e desvio-padrão), e de assimetria, permitindo descrever o conjunto de dados recolhidos.

Em segundo lugar, procedeu-se à análise da consistência interna dos instrumentos utilizados com recurso ao *Alpha de Cronbach*, que permite determinar o limite inferior da consistência interna de um grupo de variáveis. O valor de *Alpha de Cronbach* deve ser positivo, variando entre 0 e 1, sendo que, se o valor for superior a 0.9 a consistência é muito boa, se for entre 0.8 e 0.9 a consistência é boa, se for entre 0.7 e 0.8 a consistência é razoável, se for entre 0.6 e 0.7 a consistência é fraca e se for inferior a 0.6 a consistência é inadmissível. Posto isto, o valor recomendado é de .7 de alfa de *Cronbach*, sugerido por Pestana & Grageiro (2008). Com isto, foi possível perceber que os instrumentos CAN e PCL-5 apresentaram muita boa fiabilidade e consistência interna e o instrumento ECR-RS apresentou uma fiabilidade e consistência interna razoável.

De seguida, aplicou-se os testes de normalidade, que têm como objetivo avaliar a normalidade da distribuição dos dados das variáveis com recurso ao teste *Kolmogorov-Smirnov* análise de curtose (grau de achatamento da distribuição) e obliquidade (grau de simetria da distribuição) que caracterizam a forma de distribuição das variáveis. Com isto, verificou-se que os três instrumentos apresentaram uma

distribuição não normal dos dados paramétricos. Com base nos resultados dos testes de normalidade, as seguintes análises foram realizadas com recurso a testes não paramétricos, sendo estes testes que não lidam com parâmetros e não assumem que os valores de uma variável têm uma distribuição normal.

A seguir foram realizados os testes de associação/correlação com recurso a testes não paramétricos. Posto isto, utilizou-se o teste Coeficiente de Correlação de *Spearman* (r_s) que tem como objetivo medir a força da relação linear entre as variáveis, sendo que esta pode variar entre os extremos -1 e 1, indicando a direção, sendo esta positiva ou negativa e o valor, que sugere a força da relação entre as variáveis. A correlação de *Spearman* é alta quando o valor de ρ é semelhante entre as variáveis ou igual a 1 e baixa quando o valor de ρ difere ou é igual a -1. Por fim, os critérios aplicados na interpretação da magnitude das correlações foram os de Bryman e Cramer (2003), isto é, < 0.20 indica que a correlação é muito baixa; ≥ 0.20 a < 0.40 indica que a correlação é baixa; ≥ 0.40 a < 0.70 indica que a correlação é moderada; ≥ 0.70 a < 0.90 indica que a correlação é alta; e por fim, ≥ 0.90 indica que a correlação é muito alta.

De seguida, foram realizados os testes de diferenças, com recurso ao teste não paramétrico *Mann-Whitney*, com o objetivo de avaliar as diferenças entre as variáveis em estudo.

Por fim, realizaram-se regressões lineares múltiplas, para a identificação dos preditores, com o objetivo de perceber a relação entre um conjunto de variáveis.

Descrição da Amostra

A amostra é constituída por 195 sujeitos, maioritariamente do sexo feminino ($n=153$, 72.9%), com idades compreendidas entre os 18 e os 47 anos sendo a média de idades de 26.7 anos ($DP=7.2$). Relativamente ao estado civil a maioria é solteiro(a), mas numa relação de namoro ($n=97$, 46.2%).

Tabela 1.

Caracterização sociodemográfica da amostra (n= 195)

		N	%
Sexo	Masculino	42	20.0
	Feminino	153	72.9
Idade	18-24 anos	103	49
	25-47 anos	92	43.8
Estado Civil	Solteiro(a), e sem uma relação de namoro	46	21.9
	Solteiro(a), mas numa relação de namoro	97	46.2
	Casado(a)	33	15.7
	União de facto	14	6.7
	Divorciado(a)/ Separado(a)/ Viúvo(a)	5	2.4

Resultados

Análise Estatística Descritiva

Como se percebe nas seguintes tabelas, através de uma análise descritiva, foi possível verificar as pontuações médias obtidas nos totais dos instrumentos CAN, PCL-5 e ECR-RS e respetivas subescalas.

Tabela 2.

Pontuações médias do instrumento CAN (n=195)

		<i>M</i>	<i>DP</i>	Min-Máx	Min-Máx teórico
CAN Total	40 itens	52.63	18.56	40-119	40-240

Tabela 3.

Pontuações médias das subescalas e total do instrumento CAN

		<i>M</i>	<i>DP</i>	Min	Max
Vitimização	Total	1.35	.563	1	3.90
	Agressão direta	1.152	.385	1	3
	Controlo	1.609	.912	1	5.67
	Total	1.28	.418	1	3.05
Perpetração	Agressão direta	1.065	.264	1	2.82
	Controlo	1.529	.759	1	5.50

Tabela 4.

Pontuações médias do instrumento PCL-5 (N=195)

		<i>M</i>	<i>DP</i>	Min-Máx	Min-Máx teórico
PCL-5 Total	20 itens	1.76	.735	1-4.20	

Tabela 5.

Pontuações médias das subescalas e total do instrumento PCL-5

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min	Max
Intrusão	1.747	.841	1	4.80
Vinculação evitante	1.874	1.001	1	5
Alterações negativas na cognição e no humor	1.743	.796	1	4.71
Alterações negativas na atividade e na reatividade	1.750	.736	1	4.33

Tabela 6.

Pontuações médias do instrumento ECR-RS (N=195)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min-Máx	Min-Máx teórico
ECR-RS Total 9 itens	3.613	.948	1.11-6.22	

Tabela 7.

Pontuações médias das subescalas e total do instrumento ECR-RS

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min	Max
Vinculação evitante	3.344	1.003	1	6
Vinculação ansiosa	4.150	1.718	1	7

Foi utilizado o teste *Mann Whitney* para explorar as diferenças de vitimização de ciber-abuso em função do sexo. Posto isto, como se pode perceber na tabela 8, não se verificam diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à vitimização por agressão direta [U= 3038.500, $p=.489$] e por controlo [U= 3083.500, $p=.674$]. Já no que diz respeito à perpetração, como se pode perceber na tabela 9, não se verificam diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à perpetração por agressão direta [U= 2863.500, $p=.086$] e por controlo [U= 3051.500, $p=.606$].

Tabela 8.
Diferenças da vitimização de ciber-abuso em função do sexo.

	Masculino	Feminino	<i>U</i>	<i>p</i>
	(n=42)	(n=153)		
	<i>OM</i>	<i>OM</i>		
Agressão direta- vitimização	93.85	99.14	3038.500	.489
Controlo- vitimização	101.08	97.15	3083.500	.674

Nota. *OM*= Ordem Média; *U*= Teste de Mann Whitney

Tabela 9.
Diferenças da perpetração de ciber-abuso em função do sexo.

	Masculino	Feminino	<i>U</i>	<i>p</i>
	(n=42)	(n=153)		
	<i>OM</i>	<i>OM</i>		
Agressão direta- prepetração	89.68	100.28	2863.500	.086
Controlo- prepetração	94.15	99.06	3051.500	.606

Nota. *OM*= Ordem Média; *U*= Teste de Mann Whitney

Foi utilizado o teste *Mann Whitney* para explorar as diferenças de vitimização de ciber-abuso em função da idade. Posto isto, como se pode perceber na tabela 10, verificam-se diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à vitimização por agressão direta [$U= 3992.000, p=.015$]. Já no que diz respeito à perpetração, como se pode perceber na tabela 11, verificam-se diferenças estatisticamente significativas na perpetração por agressão direta [$U= 4218.000, p=.035$].

Tabela 10.
Diferenças da vitimização de ciber-abuso em função da idade.

	Dos 18 aos 24 anos	Dos 25 aos 47 anos	<i>U</i>	<i>p</i>
	(n=103)	(n=92)		
	<i>OM</i>	<i>OM</i>		

Agressão direta- vitimização	105.24	89.89	3992.000	.015
Controlo- vitimização	99.24	96.61	4610.500	.733

Nota. OM= Ordem Média; U= Teste de Mann Whitney

Tabela 11.
Diferenças da perpetração de ciber-abuso em função da idade.

	Dos 18 aos 24 anos	Dos 25 aos 47 anos	U	p
	(n=103)	(n=92)		
	OM	OM		
Agressão direta- perpetração	103.05	92.35	4218.000	.035
Controlo- perpetração	100.41	95.30	4489.500	.514

Nota. OM= Ordem Média; U= Teste de Mann Whitney

Foi utilizado o teste *Mann Whitney* para explorar as diferenças de vinculação em função do sexo. Posto isto, como se pode perceber na tabela 12, verificam-se diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à escala ECR-RS [U= 2667.000, $p=-1.687$], à subescala ECR-RS vinculação evitante [U= 3212.000, $p=-.003$] e à subescala ECR-RS vinculação ansiosa [U= 2448.500, $p=-2.365$].

Tabela 12.
Diferenças da vinculação em função do sexo.

	Masculino	Feminino	U	p
	(n=42)	(n=153)		
	OM	OM		
ECR-RS Total	85.00	101.57	2667.000	-1.687
Vinculação evitante	98.02	97.99	3212.000	-.003
Vinculação ansiosa	79.80	103.00	2448.500	-2.365

Nota. OM= Ordem Média; U= Teste de Mann Whitney

Foi utilizado o teste *Mann Whitney* para explorar as diferenças de vinculação em função da idade. Posto isto, como se pode perceber na tabela 13, verificam-se diferenças estatisticamente significativas apenas no que diz respeito à subescala ECR-RS vinculação ansiosa [$U= 3422.500, p=.001$].

Tabela 13.
Diferenças da vinculação em função da idade.

	Dos 18 aos 24	Dos 25 aos 47	<i>U</i>	<i>p</i>
	anos (n=103)	anos (n=92)		
	<i>OM</i>	<i>OM</i>		
ECR-RS Total	104.20	91.05	4099.000	.104
Vinculação evitante	96.30	99.91	4562.500	.655
Vinculação ansiosa	110.77	83.70	3422.500	<.001

Nota. *OM*= Ordem Média; *U*= Teste de Mann Whitney

Com o objetivo de explorar a relação entre as escalas PCL-5- Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5 e ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais e respectivas subescalas recorreu-se ao teste de associação de *Spearman*. Assim, como se pode perceber na tabela 14, constataram-se correlações positivas e estatisticamente significativas moderadas entre a escala PCL-5- Total, a escala ECR-RS Total ($r_s = .46^*$), correlações positivas e estatisticamente significativas baixas na subescala vinculação ansiosa ($r_s = .23^*$) e correlações positivas e estatisticamente significativas moderadas na subescala vinculação evitante ($r_s = .46^*$). Já no que diz respeito às subescalas da escala PCL-5-Total, todas apresentaram correlações positivas e estatisticamente significativas baixas e moderadas com a escala ECR-RS total e correlações positivas e estatisticamente significativas muito baixas e baixas com a subescala vinculação ansiosa, com exceção da subescala PCL-5- vinculação evitante que não apresenta uma correlação estatisticamente significativa com a subescala ECR-RS vinculação ansiosa. Por fim, no que diz respeito às subescalas da escala PCL-5-Total, todas apresentaram correlações positivas e estatisticamente significativas muito baixas e baixas com a subescala vinculação evitante.

Tabela 14.

Coefficiente de correlação de Spearman entre as escalas PCL-5- Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5 e ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais e respectivas subescalas.

	ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais		
	ECR-RS total	ECR-RS Vinculação ansiosa	ECR-RS Vinculação evitante
<i>PCL-5- Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5</i>			
PCL-5-Total	.46**	.23**	.46**
Intrusão	.39**	.15*	.44**
Vinculação evitante	.33**	.12	.36**
Alterações negativas na cognição e no humor	.53**	.28**	.52**
Alterações da ativação e reatividade	.38**	.24**	.34**

** A correlação é significativa ao nível 0,01 (bilateral).

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

Com o objetivo de explorar a relação entre as escalas CAN – Questionário sobre Ciber-abuso no namoro e ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais e respectivas subescalas recorreu-se ao teste de associação de *Spearman*. Assim, como se pode perceber na tabela 15, constataram-se correlações positivas e estatisticamente significativas moderadas entre a escala CAN total e a escala ECR-RS total ($r_s = .45^*$) e correlações positivas e estatisticamente significativas muito baixas na subescala vinculação ansiosa ($r_s = .19^*$). Já no que diz respeito às subescalas da escala CAN, todas apresentaram correlações positivas e estatisticamente significativas muito baixas, baixas e moderadas com a subescala vinculação evitante da escala ECR-RS. Por fim, apenas a subescala agressão direta-perpetração da escala CAN apresentou uma correlação positiva e estatisticamente significativa muito baixa com a subescala vinculação ansiosa da escala ECR-RS.

Tabela 15.

Coefficiente de correlação de Spearman entre as escalas CAN – Questionário sobre Ciber-abuso no namoro e ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais e respectivas subescalas.

	ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas		
	– Estruturas Relacionais		
	ECR-RS Total	ECR-RS Vinculação ansiosa	ECR-RS Vinculação evitante
CAN- Questionário sobre Ciber-abuso no namoro			
CAN total	.45**	.19**	.11
CAN Vitimização total	.40**	.16	.15*
Agressão direta - vitimização	.38**	.11	.18*
Controlo -vitimização	.39**	.12	.17*
CAN Perpetração total	.44**	.12	.22**
Agressão direta – perpetração	.37**	.17*	.23**
Controlo – perpetração	.42**	.11	.20**

** A correlação é significativa ao nível 0,01 (bilateral).

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

Com o objetivo de explorar a relação entre as escalas CAN – Questionário sobre Ciber-abuso no namoro e PCL-5- Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5 e respectivas subescalas recorreu-se ao teste de associação de *Spearman*. Assim, como se pode perceber na tabela 16, constataram-se correlações positivas e estatisticamente significativas baixas e moderadas entre a escala CAN total e a escala PCL-5 total, assim como em todas as subescalas.

Tabela 16.

Coefficiente de correlação de Spearman entre as escalas CAN – Questionário sobre Ciber-abuso no namoro e o PCL-5- Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5

	PCL-5- Posttraumatic Stress Disorder	
	Checklist for DSM-5	
	Alterações negativas	Alterações

	PCL-5		Vinculação evitante	na cognição e no humor	significativas da ativação e reatividade
	Total	Intrusão			
CAN- Questionário					
sobre Ciber-abuso					
no namoro					
CAN total	.45**	.44**	.39**	.38**	.38**
CAN Vitimização total	.40**	.37**	.35**	.33**	.36**
Agressão direta - vitimização	.38**	.34**	.31**	.36**	.32**
Controlo - vitimização	.39**	.37**	.35**	.32**	.35**
CAN Perpetração total	.44**	.44**	.37**	.39**	.36**
Agressão direta – perpetração	.37**	.34**	.28*	.36**	.35**
Controlo – perpetração	.42**	.45**	.35**	.37**	.35**

** A correlação é significativa ao nível 0,01 (bilateral).

*A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

Com o objetivo de explorar o papel preditivo da vinculação no ciber-abuso, procedeu-se a uma análise de regressão linear múltipla com as variáveis ECR-RS total e subescalas, com recurso ao método *Stepwise*. Como é possível perceber na tabela 17, verificou-se um modelo estatisticamente significativo [F(1.194)=11.969, $\rho = <.001$], que inclui como preditores do ciber-abuso a variável ECR-RS vinculação ansiosa ($\beta = .242$; $t = 3.460$; $\rho = <.001$), com um ajustamento aceitável ($R = .243$), onde o modelo explica 5.4% da variância. As variáveis ECR-RS total e ECR-RS vinculação evitante foram excluídas.

Tabela 17.

Regressão Linear Múltipla entre a escala ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais e respetivas subescalas e a escala CAN – Questionário sobre Ciber-abuso no namoro

	β	T	ρ
ECR-RS- vinculação ansiosa	.242	3.460	.001

Com o objetivo de explorar o papel preditivo das variáveis sociodemográficas no ciber-abuso, procedeu-se a uma análise de regressão linear múltipla com as variáveis sociodemográficas sexo, idade, profissão atual, estado civil e idade do parceiro, com recurso ao método *Stepwise*. Como é possível perceber na tabela 18, verificou-se um modelo estatisticamente significativo [$F(2.144)=7.393$, $\rho = <.001$], que inclui como preditor do ciber-abuso a variável idade ($\beta= -.250$; $t= -2.580$; $\rho = <.011$), com um ajustamento aceitável ($R=.305$), onde o modelo explica 8.1% da variância. As variáveis sociodemográficas sexo, estado civil e idade do parceiro foram excluídas.

Tabela 18.

Regressão Linear Múltipla entre a escala ECR-RS - Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais e respetivas subescalas e a escala CAN – Questionário sobre Ciber-abuso no namoro

	β	T	ρ
Idade	-.250	-2.580	.011

Com o objetivo de explorar o papel preditivo do ciber-abuso na PTSD, procedeu-se a uma análise de regressão linear múltipla com as variáveis CAN total e subescalas, com recurso ao método *Stepwise*. Como é possível perceber na tabela 19, verificou-se um modelo estatisticamente significativo [$F(2.192)=21.891$, $\rho = <.001$], que inclui como preditores da PTSD a variável CAN total ($\beta= .523$; $t= 6.175$; $\rho = <.001$), com um ajustamento aceitável ($R= .431$), onde o modelo explica 17.7% da variância. As variáveis CAN agressão direta-vitimização, CAN controlo-vitimização, CAN controlo- perpeção, CAN vitimização total e CAN perpeção total foram excluídas.

Tabela 19.

Regressão Linear Múltipla entre a escala CAN – Questionário sobre Ciber-abuso no namoro e respectivas subescalas e a escala PCL-5- Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5

	β	T	ρ
CAN total	.523	6.175	<.001
CAN Agressão direta- perpetração	-.179	-2.118	.035

Discussão dos Resultados

O objetivo geral deste estudo consistiu em explorar o papel preditivo da vinculação e das variáveis sociodemográficas no ciber-abuso e o papel preditivo do ciber-abuso na Perturbação de Stress Pós-Traumático em adolescentes e adultos.

No que diz respeito às variáveis sociodemográficas, quanto às diferenças nos sexos em relação ao ciber-abuso (H1), não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, ainda que as pontuações médias sejam superiores no sexo masculino quando comparadas às do sexo feminino. Na literatura é possível verificar que não existe consenso quanto ao ciber-abuso nos relacionamentos e o sexo, sendo que estudos apontam que indivíduos do sexo feminino tem maior probabilidade de se tornarem vítimas de ciber-abuso, enquanto que indivíduos do sexo masculino tem maior probabilidade de se tornarem perpetradores (Reed et al., 2017; Caridade & Braga, 2019; Dick et al., 2014; Jaen-Cortés et al., 2017; Jiménez et al., 2017; Machimbarrena et al., 2018; Zweig et al., 2013) e outros estudos apontam que não existe diferenças estatisticamente significativas na prevalência de perpetração de ciber-abuso entre os sexos (Borrajo et al., 2015; Peskin et al., 2017; Smith-Darden et al., 2017) e na vitimização (Smith et al., 2018; Temple et al., 2016; Wolford-Clevenger et al., 2016), o que vai de encontro com os resultados obtidos no presente estudo. Alguns estudos também indicam que indivíduos do sexo feminino tendem a perpetrar violência através da categoria controlo, enquanto que os indivíduos do sexo masculino tendem a perpetrar violência através da categoria agressão direta (Borrajo et al., 2015; Durán & Martínez-Pecino, 2015; Lucero et al., 2014; Reed et al., 2016; Rueda et al., 2015; Temple et al., 2016; Sánchez et al., 2015; Walrave et al., 2015; Wolford-Clevenger et al., 2016) com comportamentos de *sexting* e de *reveng porn* (Lucero et al., 2014; Borrajo et al., 2015).

Já no que diz respeito à variável sociodemográfica idade, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à vitimização por agressão direta tanto na faixa etária dos 18 aos 24 anos, como na faixa etária dos 25 aos 47 anos, assim como, no que diz respeito à perpetração por agressão direta. É possível verificar em estudos anteriores que indivíduos entre os 18 e os 25 anos apresentam maior tendência de envolvimento no ciber-abuso (Borrajo et al., 2015; Crane et al., 2018; Smith et al., 2018; Watkins et al., 2016) sendo que, a vitimização tende a ter uma prevalência de 22.2% (Temple et al., 2016) aos 26.3% (Zweig et al., 2013) e a perpetração de 12% (Zweig et al., 2013). Num estudo mais recente realizado por

Stonard e colaboradores (2017), foi possível verificar prevalências de 12% a 56% para vitimização e de 12% a 54% para perpetração. Estes resultados podem estar associados ao facto de indivíduos mais novos não apresentarem competências para lidar com relacionamentos amorosos, entendendo muitas vezes os comportamentos de controlo e de ciúme como sinónimo de amor e demonstração de preocupação (Andrade et al., 2021; Ameral et al., 2020; Borrajo et al., 2015). Tal é possível verificar nos estudos desenvolvidos por Santos e Caridade (2017) e por Rodríguez-Domínguez et al. (2018) onde se verifica em ambos que o ciúme e a necessidade de controlo do parceiro são as principais causas identificadas no fenómeno do ciber-abuso. No que diz respeito à faixa etária mais velha, poucos são os estudos que avaliem esta população, sendo que os estudos existentes indicam uma prevalência de 10% para o envolvimento no ciber-abuso, principalmente através do compartilhamento de conteúdos de cariz sexual (Stonard et al., 2014).

Relativamente à correlação entre o ciber-abuso e os estilos de vinculação (H2) verificou-se que as escalas estão positivamente correlacionadas. Verificou-se também que o ciber-abuso está positivamente correlacionado com a vinculação ansiosa e com a vinculação evitante, o que vai ao encontro da literatura existente, onde concluíram que os estilos de vinculação estão positivamente correlacionados com o ciber-abuso, influenciando a adesão a este, assim como, o modo como o indivíduo medeia e vivencia a vitimização (Blackwell et al., 2017; Jenkins-Guarnieri et al., 2013; Kulkarni et al., 2018; Blackwell et al., 2017; Gony & van Dulmen., 2016; Strawhun et al., 2013; Weisskirch & Delevi, 2011; Blackwell et al., 2017; Howard et al., 2003). Segundo Oliveira (2014) e Ramos (2017), o modo como as figuras parentais se relacionam entre si e com os seus filhos, através de comportamentos de controlo e de agressão direta influencia como os filhos irão reproduzir os comportamentos de relacionamento com os pares, sendo que tendencialmente irão reproduzir comportamentos de controlo e de agressão de forma similar ao contexto em que foi socializado, acreditando ser a melhor forma de lidar com os pares. Por fim, estudos indicam que climas familiares positivos, onde é estabelecida confiança e comunicação familiar aberta e expressiva potenciam comportamentos de relacionamento com os pares positivos (Lila & Buelga, 2003, Musitu et al., 2008; Hebert, 2007).

No que concerne à relação entre os estilos de vinculação e a Perturbação de Stress Pós-Traumático, verificou-se que as escalas estão positivamente correlacionadas. Verificou-se assim que indivíduos com estilos de vinculação ansiosa apresentam altos

níveis de sintomatologia traumática, principalmente alterações negativas na cognição e no humor e alterações da ativação e reatividade e indivíduos com estilos de vinculação evitante apresentam altos níveis de sintomatologia traumática em todas as dimensões. Estes dados vão de encontro com a literatura onde é se verifica que indivíduos com estilos de vinculação insegura tendem a apresentar índices de sintomatologia traumática (Declercq & Willemssen, 2006; Dekel et al., 2005; Kanninen et al., 2003; O'Connor & Elklit, 2008).

Sendo que não se encontraram estudos que estudem a relação entre o ciber-abuso, a vinculação e a perturbação de stress pós-traumático. Posto isto, decidimos correlacionar as três variáveis (H4). Posto isto, foi possível perceber que as três escalas se correlacionam entre si, apresentando correlações positivas e estatisticamente significativas. Considerando então os resultados obtidos, efetuou-se uma regressão linear múltipla com o objetivo de perceber o papel preditivo da vinculação no ciber-abuso (H5). O modelo encontrado permite perceber que a vinculação ansiosa prediz o ciber-abuso. Estes resultados vão de encontro à literatura existente, onde a vinculação insegura ansiosa tem sido relacionada à perpetração de abuso psicológico e ao ciber-abuso em relacionamentos (Goncy & van Dulmen, 2016), bem como, à perpetração de *sexting* e *cyberstalking* (Strawhun et al., 2013; Weisskirch & Delevi, 2011). Estes resultados podem ser explicados pelo facto de as relações com vinculação insegura ansiosa, caracterizam-se pela procura em demasia de proximidade com o parceiro e na preocupação constante com questões como rejeição e abandono (Hadden et al., 2014) levando a que o indivíduo perpetue comportamentos de controlo, mas também que se deixe permanecer numa relação abusiva.

Com o objetivo de explorar o papel preditivo das variáveis sociodemográficas no ciber-abuso (H6), procedeu-se a uma análise de regressão linear múltipla com as variáveis sociodemográficas sexo e idade. Assim o modelo encontrado permitiu perceber que a idade prediz o ciber-abuso. Estes resultados vão de encontro aos resultados supramencionados.

Com o objetivo de explorar o papel preditivo do ciber-abuso na PTSD (H7), procedeu-se a uma análise de regressão linear múltipla onde foi possível perceber que o ciber-abuso prediz a perturbação de stress pós-traumático. Estes resultados vão ao encontro da literatura existente, onde o se verificou a presença de sintomatologia traumática em indivíduos vitimizados por ciber-abuso nos relacionamentos amorosos (Borrajó et al., 2015; Stonard et al., 2014; Hanson, 2002; Flach & Deslanches, 2017). Segundo a

literatura, a vitimologia por ciber-abuso nos relacionamentos amorosos implica consequências para a saúde mental das vítimas como sintomatologia depressiva, ansiosa e traumática (Banyard & Cross, 2008 ; Teten et al., 2009 ; Eshelman & Levendosky, 2012).

Limitações e Vantagens

Verificamos como limitação a pouca heterogeneidade da amostra, não tendo sido possível realizar várias subescalas de faixas etárias diferentes. Em segundo lugar, verificou-se também que a amostra é maioritariamente feminina (72,9%) o que não permite generalizar os resultados para toda a população portuguesa.

Em contrapartida, como vantagens do presente estudo foi possível verificar que sendo a amostra constituída por 195 sujeitos, esta, segundo a literatura é considerada grande (Pallant, 2011) permitindo confiar nos resultados obtidos. Como vantagens, percebe-se também que ainda não se encontram estudos que correlacionem as três variáveis em estudo, sendo neste sentido, um estudo inovador.

Conclusão

O presente estudo teve como objetivo geral explorar o papel preditivo da vinculação e das variáveis sociodemográficas no ciber-abuso e o papel preditivo do ciber-abuso na Perturbação de Stress Pós-Traumático em adolescentes e adultos. Este estudo revelou que o ciber-abuso está positivamente correlacionado com a vinculação ansiosa e com a vinculação evitante, sendo que a vinculação ansiosa prediz o ciber-abuso. Também se verificou que a vinculação está positivamente correlacionada com a perturbação de stress pós-traumático, ou seja, indivíduos com estilos de vinculação ansiosa apresentam altos níveis de sintomatologia traumática. É também possível verificar uma falta de consenso em relação à variável socioeconómica sexo na vitimização e perpetração por ciber-abuso. Por fim, também se verificou que o ciber-abuso está positivamente correlacionado com a perturbação de stress pós- traumático e que este a prediz. Neste sentido, percebeu-se que as três variáveis se correlacionam positivamente entre si, o que torna este estudo inovador, já que não se encontram estudos que estudem a relação entre o ciber-abuso, a vinculação e a perturbação de stress pós-traumático.

Concluindo, este estudo pode ser visto como uma contribuição como ferramenta no estudo do ciber-abuso no contexto nacional, considerando a escassez de literatura

sobre o tema. O caráter exploratório do mesmo permitiu obter conclusões sobre a correlação do ciber-abuso com a vinculação e a perturbação de stress pós-traumático e realçar a necessidade de elaboração de estudos longitudinais sobre a temática, de forma a que se compreenda melhor a problemática e para que a prevenção e a intervenção seja cada vez mais aprimorada. Assim, em termos de pesquisa, será interessante e importante que futuros estudos aprofundem melhor o relacionamento entre estas três variáveis, principalmente entre o ciber-abuso e a perturbação de stress pós-traumático.

Referências Bibliográficas

- Allen, J. P., Schad, M. M., Oudekerk, B., & Chango, J. (2014). What ever happened to the “cool” kids? Long-term sequelae of early adolescent pseudomature behavior. *Child Development, 85*(5), 1866–1880. <https://doi.org/10.1111/cdev.12250>
- Ameral, V., Palm Reed, K. M., & Hines, D. A. (2020). An Analysis of Help-Seeking Patterns Among College Student Victims of Sexual Assault, Dating Violence, and Stalking. *Journal of Interpersonal Violence, 35*(23–24), 5311–5335. <https://doi.org/10.1177/0886260517721169>
- Antunes, A., Frasilho, D., Azeredo-Lopes, S., Neto, D., Silva, M., Cardoso, G., & Caldas-de-Almeida, J. M. (2018). Disability and common mental disorders: Results from the World Mental Health Survey Initiative Portugal. *European Psychiatry, 49*, 56–61. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2017.12.004>
- Article, R. (2017). *Post-Traumatic Stress Disorder. Table 1*, 2459–2469. <https://doi.org/10.1056/NEJMra1612499>
- Banyard, V. L., & Cross, C. (2008). Variables in Ecological Context. *Violence Against Women, 14*(September 2008), 998–1013.
- Bender, P. K., Reinholdt-Dunne, M. L., Esbjørn, B. H., & Pons, F. (2012). Emotion dysregulation and anxiety in children and adolescents: Gender differences. *Personality and Individual Differences, 53*(3), 284–288. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.03.027>
- Bennett, D. C., Guran, E. L., Ramos, M. C., & Margolin, G. (2011). College students’ electronic victimization in friendships and dating relationships: Anticipated distress and associations with risky behaviors. *Violence and Victims, 26*(4), 410–429. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.26.4.410>
- Blackwell, D., Leaman, C., Tramposch, R., Osborne, C., & Liss, M. (2017). Extraversion, neuroticism, attachment style and fear of missing out as predictors of social media use and addiction. *Personality and Individual Differences, 116*, 69–72. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.04.039>

- Bolden, C. L. (2014). *Gangs and Social Networks*. <https://doi.org/10.1007/978-1-4614-5690-2>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, *116*(2), 565–585. <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*, *48*, 358–365. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.063>
- Bowker, J. C., & Etkin, R. G. (2014). Does Humor Explain Why Relationally Aggressive Adolescents are Popular? *Journal of Youth and Adolescence*, *43*(8), 1322–1332. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0031-5>
- Brown, C., & Hegarty, K. (2018). Digital dating abuse measures: A critical review. *Aggression and Violent Behavior*, *40*(2017), 44–59. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.03.003>
- Burke, S. C., Wallen, M., Vail-Smith, K., & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, *27*(3), 1162–1167. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.12.010>
- C. I. D. (2005). *Prevalence, Severity, and Comorbidity of 12-Month*. *62*(June).
- Cardoso, G., Xavier, M., Vilagut, G., Petukhova, M., Alonso, J., Kessler, R. C., & Caldas-de-Almeida, J. M. (2017). Days out of role due to common physical and mental conditions in Portugal: Results from the WHO World Mental Health Survey. *BJPsych Open*, *3*(1), 15–21. <https://doi.org/10.1192/bjpo.bp.115.002402>
- Caridade, S. M., & Braga, T. (2019). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) – Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica*, *37*(1), 93–105. <https://doi.org/10.14417/ap.1543>

- Caridade, S., & Braga, T. (2020). Youth cyber dating abuse: A meta-analysis of risk and protective factors. *Cyberpsychology*, *14*(3), 1–26. <https://doi.org/10.5817/CP2020-3-2>
- Caridade, S., Braga, T., & Borrajo, E. (2019). Cyber dating abuse (CDA): Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, *48*(May), 152–168. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.08.018>
- Caridade, S., Pedrosa e Sousa, H. F., & Dinis, M. A. P. (2020). Cyber and offline dating abuse in a portuguese sample: Prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, *10*(10), 1–14. <https://doi.org/10.3390/BS10100152>
- Cava, M. J., & Buelga, S. (2018). Psychometric properties of the cyber-violence scale in adolescent couples (Cib-VPA). *Suma Psicológica*, *25*(1), 51–61. <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2018.v25.n1.6>
- Collins, N. L., Cooper, M. L., Albino, A., & Allard, L. (2002). Psychosocial vulnerability from adolescence to adulthood: A prospective study of attachment style differences in relationship functioning and partner choice. *Journal of Personality*, *70*(6), 965–1008. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.05029>
- Daniel M. LeBouthillier, Katherine A. McMillan, Michel A. Thibodeau, and G. J. G. A. (2007). *Prevalence and Psychological Correlates of Complicated*. *20*(3), 251–262. <https://doi.org/10.1002/jts>
- Decker, M. R., Silverman, J. G., & Raj, A. (2005). Dating violence and sexually transmitted disease/HIV testing and diagnosis among adolescent females. *Pediatrics*, *116*(2). <https://doi.org/10.1542/peds.2005-0194>
- Declercq, F., & Willemsen, J. (2006). Distress and post-traumatic stress disorders in high risk professionals: Adult attachment style and the dimensions of anxiety and avoidance. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, *13*(4), 256–263. <https://doi.org/10.1002/cpp.492>

- Dekel, R., Goldblatt, H., Keidar, M., Solomon, Z., & Polliack, M. (2005). Being a wife of a veteran with posttraumatic stress disorder. *Family Relations*, 54(1), 24–36. <https://doi.org/10.1111/j.0197-6664.2005.00003.x>
- Demircioğlu, Z. I., & Göncü Köse, A. (2018). Effects of attachment styles, dark triad, rejection sensitivity, and relationship satisfaction on social media addiction: A mediated model. *Current Psychology*, 2014. <https://doi.org/10.1007/s12144-018-9956-x>
- Demirtaş, E. T., Murray, C., Hatipoglu-sümer, Z., Toplu-demirta, E., Murray, C., & Hatipoglu-sümer, Z. (2018). *relationship satisfaction Attachment insecurity and restrictive engulfment in college student relationships: the mediating role of relationship satisfaction*. <https://doi.org/10.1108/JACPR-11-2017-0333>
- Dick, R. N., McCauley, H. L., Jones, K. A., Tancredi, D. J., Goldstein, S., Blackburn, S., Monasterio, E., James, L., Silverman, J. G., & Miller, E. (2014). Cyber dating abuse among teens using school-based health centers. *Pediatrics*, 134(6), e1560–e1567. <https://doi.org/10.1542/peds.2014-0537>
- Douglas, H., Harris, B. A., & Dragiewicz, M. (2019). Technology-facilitated domestic and family violence: Women’s experiences. *British Journal of Criminology*, 59(3), 551–570. <https://doi.org/10.1093/bjc/azy068>
- Elipe, P., de la Oliva Muñoz, M., & Del Rey, R. (2018). Homophobic Bullying and Cyberbullying: Study of a Silenced Problem. *Journal of Homosexuality*, 65(5), 672–686. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1333809>
- Elphinston, R. A., & Noller, P. (2011). Time to face it! Facebook intrusion and the implications for romantic jealousy and relationship satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14(11), 631–635. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0318>
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, 131(1), 71–78. <https://doi.org/10.1542/peds.2012-1029>

- Felson, R. B., & Lane, K. J. (2009). Social learning, sexual and physical abuse, and adult crime. *Aggressive Behavior*, 35(6), 489–501. <https://doi.org/10.1002/ab.20322>
- Fergus, S., & Zimmerman, M. A. (2005). Adolescent resilience: A framework for understanding healthy development in the face of risk. *Annual Review of Public Health*, 26, 399–419. <https://doi.org/10.1146/annurev.publhealth.26.021304.144357>
- Ferrajaõ, P. C., & Oliveira, R. A. (2016). The Effects of Combat Exposure, Abusive Violence, and Sense of Coherence on PTSD and Depression in Portuguese Colonial War Veterans. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 8(1), 1–8. <https://doi.org/10.1037/tra0000043>
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2019). Cyber dating abuse or proof of love? The use of apps for surveillance and control in affective-sexual relations. *Cadernos de Saude Publica*, 35(1), 1–14. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00060118>
- Fox, K. A., Nobles, M. R., & Fisher, B. S. (2016). A Multi-Theoretical Framework to Assess Gendered Stalking Victimization: The Utility of Self-Control, Social Learning, and Control Balance Theories. *Justice Quarterly*, 33(2), 319–347. <https://doi.org/10.1080/07418825.2014.902985>
- Franklin, P., & Canezin, M. (2016). *O Ciúme e as Redes Sociais : Uma Revisão Sistemática O Ciúme e as Redes Sociais : Uma Revisão Sistemática*. November.
- Freire, B., Machado, D., Queiroz, F., & Bezerra, L. (n.d.). *Paixão , Ciúme e Traição : A “ liquidez ” das relações humanas no ciberespaço*.
- Gámez-Guadix, M., Borrajo, E., & Calvete, E. (2018). Partner abuse, control and violence through internet and smartphones: Characteristics, evaluation and prevention. *Papeles Del Psicologo*, 39(3), 218–227. <https://doi.org/10.23923/pap.psicol2018.2874>
- Gámez-Guadix, M., Borrajo, E., & Calvete, E. (2018). Partner abuse, control and violence through internet and smartphones: Characteristics, evaluation and

- prevention. *Papeles Del Psicologo*, 39(3), 218–227.
<https://doi.org/10.23923/pap.psicol2018.2874>
- Gámez-Guadix, M., Orue, I., Smith, P. K., & Calvete, E. (2013). Longitudinal and reciprocal relations of cyberbullying with depression, substance use, and problematic internet use among adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 53(4), 446–452. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.03.030>
- Goncy, E. A., & van Dulmen, M. H. M. (2016). The association of attachment anxiety and avoidance with emotional dating abuse perpetration using multimethod, dyadic data. *Violence and Victims*, 31(4), 622–637. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00125>
- Grusec, J. E. (2016). Social learning theory. *The Curated Reference Collection in Neuroscience and Biobehavioral Psychology*. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-809324-5.23568-2>
- Hadden, B. W., Smith, C. V., & Webster, G. D. (2014). Relationship Duration Moderates Associations Between Attachment and Relationship Quality: Meta-Analytic Support for the Temporal Adult Romantic Attachment Model. *Personality and Social Psychology Review*, 18(1), 42–58. <https://doi.org/10.1177/1088868313501885>
- Hancock, K., Keast, H., & Ellis, W. (2017). The impact of cyber dating abuse on self-esteem: The mediating role of emotional distress. *Cyberpsychology*, 11(2). <https://doi.org/10.5817/CP2017-2-2>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hellevik, P. M. (2019). Teenagers' personal accounts of experiences with digital intimate partner violence and abuse. *Computers in Human Behavior*, 92, 178–187. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.11.019>

- Henry, N., & Powell, A. (2018). Technology-Facilitated Sexual Violence: A Literature Review of Empirical Research. *Trauma, Violence, and Abuse, 19*(2), 195–208. <https://doi.org/10.1177/1524838016650189>
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2011). Cyberbullying: A Review of the Legal Issues Facing Educators. *Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth, 55*(2), 71–78. <https://doi.org/10.1080/1045988X.2011.539433>
- Holt, T. J., Bossler, A. M., & May, D. C. (2012). Low Self-Control, Deviant Peer Associations, and Juvenile Cyberdeviance. *American Journal of Criminal Justice, 37*(3), 378–395. <https://doi.org/10.1007/s12103-011-9117-3>
- Jaen-Cortés, C. I., Rivera-Aragón, S., Reidl-Martínez, L. M., & García-Méndez, M. (2017). Violencia de pareja a través de medios electrónicos en adolescentes mexicanos. *Acta de Investigación Psicológica, 7*(1), 2593–2605. <https://doi.org/10.1016/j.aiprr.2017.01.001>
- Jakupcak. (2007). *Prevalence and Psychological Correlates of Complicated*. 20(3), 251–262. <https://doi.org/10.1002/jts>
- Jenkins-Guarnieri, M. A., Wright, S. L., & Johnson, B. D. (2013). The interrelationships among attachment style, personality traits, interpersonal competency, and Facebook use. *Psychology of Popular Media Culture, 2*(2), 117–131. <https://doi.org/10.1037/a0030946>
- Jiménez, J. F., Sánchez-Gómez, P., Luis Cánovas, J., Hensen, I., & Aouissat, M. (2017). Influence of natural habitat fragmentation on the genetic structure of Canarian populations of *Juniperus turbinata*. *Silva Fennica, 51*(2), 1–14. <https://doi.org/10.14214/sf.1678>
- Johnson, W. L., Giordano, P. C., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2014). The Age–IPV Curve: Changes in the Perpetration of Intimate Partner Violence During Adolescence and Young Adulthood. *Journal of Youth and Adolescence, 44*(3), 708–726. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0158-z>

- Kanninen, K., Punamäki, R. L., & Qouta, S. (2003). Personality and trauma: Adult attachment and posttraumatic distress among former political prisoners. *Peace and Conflict*, 9(2), 97–126. https://doi.org/10.1207/S15327949PAC0902_01
- Kellerman, I., Margolin, G., Borofsky, L. A., Baucom, B. R., & Iturralde, E. (2013). Electronic Aggression Among Emerging Adults: Motivations and Contextual Factors. *Emerging Adulthood*, 1(4), 293–304. <https://doi.org/10.1177/2167696813490159>
- Kulkarni, J., Gavrilidis, E., Hudaib, A. R., Bleeker, C., Worsley, R., & Gurvich, C. (2018). Development and validation of a new rating scale for perimenopausal depression - The Meno-D. *Translational Psychiatry*, 8(1). <https://doi.org/10.1038/s41398-018-0172-0>
- L., E., & A.A., L. (2012). Dating violence: mental health consequences based on type of abuse. *Violence and Victims*, 27(2), 215–228.
- Lancaster, M., Seibert, G. S., Cooper, A. N., May, R. W., & Fincham, F. (2020). Relationship Quality in the Context of Cyber Dating Abuse: The Role of Attachment. *Journal of Family Issues*, 41(6), 739–758. <https://doi.org/10.1177/0192513X19881674>
- Landstedt, E., & Persson, S. (2014). Bullying, cyberbullying, and mental health in young people. *Scandinavian Journal of Public Health*, 42(4), 393–399. <https://doi.org/10.1177/1403494814525004>
- Leitenberg, H., & Saltzman, H. (2000). A statewide survey of age at first intercourse for adolescent females and age of their male partners: Relation to other risk behaviors and statutory rape implications. *Archives of Sexual Behavior*, 29(3), 203–215. <https://doi.org/10.1023/A:1001920212732>
- Lu, Y., Van Ouytsel, J., Walrave, M., Ponnet, K., & Temple, J. R. (2018). Cross-sectional and temporal associations between cyber dating abuse victimization and mental health and substance use outcomes. *Journal of Adolescence*, 65(February), 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.02.009>

- Lyddon, W. J., & Sherry, A. (1998). Developmental Personality Styles: An Attachment Theory Conceptualization of Personality Disorders. *Journal of Counseling & Development*, 79(4), 405–414. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2001.tb01987.x>
- Madigan, S., Ly, A., Rash, C. L., Van Ouytsel, J., & Temple, J. R. (2018). Prevalence of multiple forms of sexting behavior among youth: A systematic review and meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 172(4), 327–335. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2017.5314>
- Marcum, C. D., Higgins, G. E., & Ricketts, M. L. (2014). Juveniles and cyber stalking in the United States: An analysis of theoretical predictors of patterns of online perpetration. *International Journal of Cyber Criminology*, 8(1), 47–56.
- Marganski, A., & Melander, L. (2018). Intimate Partner Violence Victimization in the Cyber and Real World: Examining the Extent of Cyber Aggression Experiences and Its Association With In-Person Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(7), 1071–1095. <https://doi.org/10.1177/0886260515614283>
- Maria Stoppa, L. (2019). a Sociossexualidade Como Ferramenta Para a Autonomia Sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 29(2), 64–68. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i2.75>
- Masoomeh (Shamila) Shadmanfaat, S., Kabiri, S., Smith, H., & Cochran, J. K. (2020). A Longitudinal Study of Iranian Fans' Cyberbullying: The Utility of Social Learning Theory. *Deviant Behavior*, 41(12), 1616–1635. <https://doi.org/10.1080/01639625.2019.1637996>
- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(3), 263–268. <https://doi.org/10.1089/cyber.2009.0221>
- Ménard, K. S., & Pincus, A. L. (2012). Predicting Overt and Cyber Stalking Perpetration by Male and Female College Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(11), 2183–2207. <https://doi.org/10.1177/0886260511432144>

- Menesini, E., Nocentini, A., Palladino, B. E., Frisén, A., Berne, S., Ortega-Ruiz, R., Calmaestra, J., Scheithauer, H., Schultze-Krumbholz, A., Luik, P., Naruskov, K., Blaya, C., Berthaud, J., & Smith, P. K. (2012). Cyberbullying definition among adolescents: A comparison across six European countries. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *15*(9), 455–463. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0040>
- Monteoliva, A., & García-Martínez, J. M. A. (2005). Adult attachment style and its effect on the quality of romantic relationships in spanish students. *Journal of Social Psychology*, *145*(6), 745–747. <https://doi.org/10.3200/SOCP.145.6.745-747>
- Morin, H. K., Bradshaw, C. P., & Kush, J. M. (2018). Adjustment outcomes of victims of cyberbullying: The role of personal and contextual factors. *Journal of School Psychology*, *70*(July), 74–88. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2018.07.002>
- Muñiz Rivas, M., & Monreal Gimeno, M. C. (2017). Violencia De Pareja Virtual Y Ajuste Psicosocial En La Adolescencia Desde La Perspectiva De Género. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología.*, *2*(1), 115. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.924>
- Nodeland, B., & Morris, R. (2020). A Test of Social Learning Theory and Self-Control on Cyber Offending. *Deviant Behavior*, *41*(1), 41–56. <https://doi.org/10.1080/01639625.2018.1519135>
- Nye, E., Katzman, J., Bell, J. B., Kilpatrick, J., Brainard, M., & Haaland, K. Y. (2008). Attachment organization in Vietnam combat veterans with posttraumatic stress disorder. *Attachment and Human Development*, *10*(1), 41–57. <https://doi.org/10.1080/14616730701868613>
- O'Connor, M., & Elklit, A. (2008). Attachment styles, traumatic events, and PTSD: A cross-sectional investigation of adult attachment and trauma. *Attachment and Human Development*, *10*(1), 59–71. <https://doi.org/10.1080/14616730701868597>
- Ortega, R., Elipe, P., Mora-Merchán, J. A., Genta, M. L., Brighi, A., Guarini, A., Smith, P. K., Thompson, F., & Tippett, N. (2012). The Emotional Impact of Bullying and

- Cyberbullying on Victims: A European Cross-National Study. *Aggressive Behavior*, 38(5), 342–356. <https://doi.org/10.1002/ab.21440>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2010). Cyberbullying and Self-Esteem. *Journal of School Health*, 80(12), 614–621. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2010.00548.x>
- Piazza, J., & Bering, J. M. (2009). Evolutionary cyber-psychology: Applying an evolutionary framework to Internet behavior. *Computers in Human Behavior*, 25(6), 1258–1269. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.07.002>
- Politics, T., Author, N., Source, A. D. S., Relations, I., Affairs, I., & Url, S. (2015). *community Culture , of politics the territory : and nationalism ethnicity*. 72(3), 445–458.
- Powell, A., Henry, N., Flynn, A., & Scott, A. J. (2019). Image-based sexual abuse: The extent, nature, and predictors of perpetration in a community sample of Australian residents. *Computers in Human Behavior*, 92, 393–402. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.11.009>
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence*, 59(August), 79–89. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.05.015>
- Reed, L. A., Tolman, R. M., Ward, L. M., & Safyer, P. (2016). Keeping tabs: Attachment anxiety and electronic intrusion in high school dating relationships. *Computers in Human Behavior*, 58, 259–268. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.12.019>
- Reyns, B. W., Fisher, B. S., Bossler, A. M., & Holt, T. J. (2019). Opportunity and Self-Control: Do they Predict Multiple Forms of Online Victimization? *American Journal of Criminal Justice*, 44(1), 63–82. <https://doi.org/10.1007/s12103-018-9447-5>
- Rodríguez-Domínguez, C., Durán Segura, M., & Martínez-Pecino, R. (2018). Ciberagresores en el noviazgo adolescente y su relación con la violencia

- psicológica, el sexismo y los celos. *Health and Addictions/Salud y Drogas*, 18(1), 17–27. <https://doi.org/10.21134/haaj.v18i1.329>
- Roelofs, K., Elzinga, B. M., & Rotteveel, M. (2005). The effects of stress-induced cortisol responses on approach-avoidance behavior. *Psychoneuroendocrinology*, 30(7), 665–677. <https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2005.02.008>
- Scale, A. B. (2009). *Attachment Behaviors Scale*. 3–5. <http://lifepathsresearch.org/wp-content/uploads/Attachment-Behaviors-Scale.pdf>
- Schnurr, M. P., Mahatmya, D., & Basche, R. A. (2013). The role of dominance, cyber aggression perpetration, and gender on emerging adults' perpetration of intimate partner violence. *Psychology of Violence*, 3(1), 70–83. <https://doi.org/10.1037/a0030601>
- Shaver, P. R., & Fraley, R. C. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132–154. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>
- Simões, S. C. C., Faratea, C., Soares, I., & Duarte, J. (2013). Predição do apego de crianças em função do estilo educativo materno e do tipo de família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 168–176. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100018>
- Smith-Darden, J. P., Kernsmith, P. D., Victor, B. G., & Lathrop, R. A. (2017). Electronic displays of aggression in teen dating relationships: Does the social ecology matter? *Computers in Human Behavior*, 67, 33–40. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.10.015>
- Smith, K., Cénat, J. M., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of Affective Disorders*, 234, 220–223. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.043>

- Stonard, K. E. (2020). "Technology was designed for this": Adolescents' perceptions of the role and impact of the use of technology in cyber dating violence. *Computers in Human Behavior*, *105*, 106211. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.106211>
- Stonard, K. E., Bowen, E., Walker, K., & Price, S. A. (2017). "They'll Always Find a Way to Get to You": Technology Use in Adolescent Romantic Relationships and Its Role in Dating Violence and Abuse. In *Journal of Interpersonal Violence* (Vol. 32, Issue 14). <https://doi.org/10.1177/0886260515590787>
- Strawhun, J., Adams, N., & Huss, M. T. (2013). *Jenna Strawhun, MA Natasha Adams, BA Matthew T. Huss, PhD*. *28*(4), 715–731.
- Subrahmanyam, K., Smahel, D., & Greenfield, P. (2006). Connecting developmental constructions to the Internet: Identity presentation and sexual exploration in online teen chat rooms. *Developmental Psychology*, *42*(3), 395–406. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.3.395>
- Tan, A., Zimmermann, C., & Rodin, G. (2005). Interpersonal processes in palliative care: An attachment perspective on the patient-clinician relationship. *Palliative Medicine*, *19*(2), 143–150. <https://doi.org/10.1191/0269216305pm994oa>
- Temple, J. R., Choi, H. J., Brem, M., Wolford-Clevenger, C., Stuart, G. L., Peskin, M. F., & Elmquist, J. A. (2016). The Temporal Association Between Traditional and Cyber Dating Abuse Among Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, *45*(2), 340–349. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0380-3>
- Tepper, B. (2007). Abusive supervision in work organizations: Review, synthesis, and research agenda. *Journal of Management*, *33*(3), 261–289. <https://doi.org/10.1177/0149206307300812>
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, *18*(7), 923–927. <https://doi.org/10.1089/jwh.2009.1515>

- Toplu-Demirtaş, E., Akcabozan-Kayabol, N. B., Araci-Iyiaydin, A., & Fincham, F. D. (2020). Unraveling the Roles of Distrust, Suspicion of Infidelity, and Jealousy in Cyber Dating Abuse Perpetration: An Attachment Theory Perspective. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260520927505>
- Toplu-Demirtaş, E., Akcabozan-Kayabol, N. B., Araci-Iyiaydin, A., & Fincham, F. D. (2020). Unraveling the Roles of Distrust, Suspicion of Infidelity, and Jealousy in Cyber Dating Abuse Perpetration: An Attachment Theory Perspective. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260520927505>
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2020). Cyber Dating Abuse: Investigating Digital Monitoring Behaviors Among Adolescents From a Social Learning Perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23–24), 5157–5178. <https://doi.org/10.1177/0886260517719538>
- Vanoss Marín, B., Coyle, K. K., Gómez, C. A., Carvajal, S. C., & Kirby, D. B. (2000). Older boyfriends and girlfriends increase risk of sexual initiation in young adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 27(6), 409–418. [https://doi.org/10.1016/S1054-139X\(00\)00097-5](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(00)00097-5)
- Vazsonyi, A. T., Mikuška, J., & Kelley, E. L. (2017). It's time: A meta-analysis on the self-control-deviance link. *Journal of Criminal Justice*, 48, 48–63. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2016.10.001>
- Velotti, P., Zobel, S. B., Rogier, G., & Tambelli, R. (2018). Exploring relationships: A systematic review on Intimate Partner Violence and attachment. *Frontiers in Psychology*, 9(JUL). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01166>
- Villora, B., Yubero, S., & Navarro, R. (2019). Cyber dating abuse and masculine gender norms in a sample of male adults. *Future Internet*, 11(4). <https://doi.org/10.3390/FI11040084>
- Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2018). The Cyber Aggression in Relationships Scale: A New Multidimensional Measure of Technology-Based Intimate Partner Aggression. *Assessment*, 25(5), 608–626. <https://doi.org/10.1177/1073191116665696>

- Weisskirch, R. S., & Delevi, R. (2011). "Sexting" and adult romantic attachment. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 1697–1701. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.02.008>
- Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Brasfield, H., Febres, J., Elmquist, J., Brem, M., Shorey, R. C., & Stuart, G. L. (2016). An examination of the partner cyber abuse questionnaire in a college student sample. *Psychology of Violence*, 6(1), 156–162. <https://doi.org/10.1037/a0039442>
- Woodlock, D. (2017). The Abuse of Technology in Domestic Violence and Stalking. *Violence Against Women*, 23(5), 584–602. <https://doi.org/10.1177/1077801216646277>
- Wright, E. M. (2015). The Relationship Between Social Support and Intimate Partner Violence in Neighborhood Context. *Crime and Delinquency*, 61(10), 1333–1359. <https://doi.org/10.1177/0011128712466890>
- Zatzick, D. F., Jurkovich, G. J., Fan, M. Y., Grossman, D., Russo, J., Katon, W., & Rivara, F. P. (2008). Association between posttraumatic stress and depressive symptoms and functional outcomes in adolescents followed up longitudinally after injury hospitalization. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 162(7), 642–648. <https://doi.org/10.1001/archpedi.162.7.642>
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The Rate of Cyber Dating Abuse Among Teens and How It Relates to Other Forms of Teen Dating Violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(7), 1063–1077. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9922-8>